

BIBLIOTHECA ECONOMICA UNIVERSAL

Joaquim Manuel de Macedo

VORAGEM — PAMPHILIO



RIO DE JANEIRO

JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS, Editor

74 — Rua S. José — 76

VORAGEM



PAMPHILIO

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

—
OBRAS POSTHUMAS

~~~~~

# VORAGEM

—  
PAMPHILIO



RIO DE JANEIRO  
J. Ribeiro dos Santos, Editor

74 — Rua S. José — 76





# VORAGEM



## VORAGEM

Voragem era formosa e petulante, duas condições que tornam a mulher um demónio.

Ella tinha os cabellos de fios de ouro, a fronte espaçosa e bella, os olhos garços, o rosto oval, branco e encantador, bocca pequena, labios um pouco grandes, roseos e humidos, escondendo lindissimos dentes, as mãos e os pés de delgadeza e de mimo extremos pareciam destinal-a a caminhar imperceptivel e empolgar a preza que seus olhos fitavão, como a gata manhosa e surrateira. A sua cintura se abraçava com as duas mãos e suas ancas eram como as bordas avultadas de um abysmo de luxuria.

---

Tão formosa assim, era todavia uma mulher decahida.

Chegára muito menina de França onde nascera, e no Rio de Janeiro se entregava em breve ao vicio mais torpe.

Sua belleza a fizera notavel e explorando-a, consumia thesouros alheios, vendendo encantos que devia á mais opulenta natureza.

Contava vinte e cinco annos de idade, e mais de vinte victimas, já reduzidas á miseria, davam provas do seu poder satanico, que ella ostentava sem dó, nem piedade, nem pudor.

Chamava-se Claudina Etenier, mas era só conhecida pela alcunha de Voragem, merecida pela sua sêde devoradora de riquezas tomadas aos inglezes que lhe cahiam nas garras assefinadas.

O misero que a ella se chegava, e que era recebido, ficava preso por Voragem que se agarrava a elle como o polvo, e só o deixava completamente sem fortuna e sem recursos.

E Voragem brilhava na cidade do Rio de Janeiro como o cometa, que na sua passagem luminosa deixá estragos e ruinas.

---

Ella nunca amára e era incapaz de amar; a sua unica paixão era o vicio repugnante com o luxo e o fausto deslumbrante.

Tambem nenhuma outra da sua igualha se avantajava tanto pelo esbanjar de sedas e pela ostentação de brilhantes, quando em seu phaetonte passeava pelas ruas da cidade, ou quando se mostrava em seu camarote de theatro.

Era um demonio a espalhar tentações envenenadas com seus olhos garços e a esmagar corações debaixo de seus pés pequeninos e formosos que calçavam sempre riquissimas botinas enfeitadas.



## II

### SIMEÃO

Corria o anno de 187..

Por acaso Voragem se sentia vaga desde a vespera.

Na vespera ella tinha despedido o seu ultimo amante reduzido á pobreza depois de ter gasto com ella os seus ultimos recursos.

Voragem pois se sentia vaga e de máo humor.

Não era que lhe faltassem namorados e pretendentes ; mas entre estes ella procurava de balde um, que lhe sorrisse á ambição e ao gosto do luxo.

Era-lhê pois indispensavel esperar alguns dias, uma semana, um mez. quem sabe quanto tempo, e essa ideia irritava-a.

Pela primeira vez em sua vida era-lhe necessario esperar, e esperar por amante rico não tolerava ella.

Em sua viva contrariedade resolveu que se vingaria no primeiro apaixonado que lhe cahisse nas garras, fazendo-o pagar muito caro a falta, de que não tinha culpa.

Mandou pôr o phaetonte, e dispoz-se a sahir em passeio de caça de amante.

Mas inesperadamente bateram-lhe palmas na escada, e d'ahi a pouco appareceu-lhe uma creada, annunciando o senhor Simeão.

— Ah! é Simeão! que entre, respondeu Voragem.

E em pé como estava, esperou a entrada de Simeão que não se fez esperar.

Simeão era um homem alto, bem apessoado e trajando bem, posto que denunciasse alguma pobreza de meios: trazia o paletot completamente abotoado, talvez para disfarçar o mau estado do collete.

— Simeão! chegaste a proposito.

— Mademoiselle, isso é muito lisongeiro para mim; mas por que cheguei eu a propo-



sito?... disse-lhe o recémchegado, offerecendo-lhe a mão.

Voragem deu-lhe a mão a apertar, e tornou-lhe dizendo:

— Sabes que despedi hontem o meu estafado commendador?.

— Deixando-o retirar-se com a commenda por consolação?...

— A consolação do commendador pouco me interessa: estimarei que se divirta.

— Mas com quê, se mademoiselle não lhe deixou nada para confortar-se.

— Isso fica por conta delle; gavou-me á porta, á porta pagou-o; não é disto porém de que se trata.

— Então de que é?..

— De dar-lhe substituto, e ainda não o tenho á mão.

— E por isso cheguei a proposito?..

— Sim, chegaste; porque deves proporcionar-me quanto antes um outro, que faça esquecer o commendador do bom tempo.

— Entendo: chegou-lhe a proposito o seu cão de caça.

---

— Sim ; fallaste-me ha dias de um joven noviço e rico, do qual se poderia colher grande vantajem.

— Mas mademoiselle ainda não o viu, e nem elle a mademoiselle, creio eu.

— Pouco importa se é noviço e rico, serve-me ás mil maravilhas, e quanto a mim estou certa que se elle me vir de perto, servir-lhe-hei do mesmo modo.

— Quer portanto ? . . .

— O joven noviço a meus pés e quanto antes.

— Conte com elle.

— E quando ? . . . estou anciosa.

— Hoje mesmo. Onde vae mademoiselle esta noite ? .

— Onde quizer que eu vá.

— Ao theatro, por exemplo ? . .

— Sim ; irei ao theatro da Phenix Dramatica ; representa-se hoje uma comedia nova.

— Pois bem : iremos apreciar a comedia nova.

— Iremos ? . . . quem ? . . .

— Naturalmente eu e Arthur.

— Quem é Arthur? . . .

— O nosso objectivo.

— O meu objectivo: tem um bonito nome: é nome de romance.

— E elle é mais bonito que o nome.

— Tanto melhor para mim, esta noute.

— Esta noute?

— Sim; porque elle deve vir cear comigo aqui depois do espectáculo.

— Isso é andar muito depressa.

— Conto contigo para m'o trazeres á cea.

— E depois?

— Opportunamente me deixarás a sós com elle, e irás cear onde te parecer.

— E' bom de se dizer! . . mas com que meios? . . confesso que estou a tocar matinas.

— Essa duvida dissolve-se facilmente. Aqui tens vinte mil réis pelo trabalho e pela tua dedicação.

E Voragem, abrindo a sua carteirinha, tirou de dentro um bilhete de vinte mil réis, e o entregou a Simeão, que o recebeu sem vexame nem vergonha.

— Agora deixa-me sahir, disse-lhe Voragem.

— Até ao theatro, mademoiselle!...

— Até ao theatro, olha que conto contigo.

— Com certeza, mademoiselle! e quando quer que eu volte?

— Eu te mandarei chamar, quando me fores necessario.

— Adeus, mademoiselle!

— Adeus, Simeão; conta comigo sempre.

E sem cerimonia, Voragem despediu o homem vil e corrompido que se abaixava a servir ao seu vicio e talvez ao seu crime.

### III

#### O THEATRO E A CEIA

A sala estava absolutamente cheia de espectadores, e todos os camarotes occupados.

No primeiro camarote do lado direito via-se Voragem com todo o esplendor da sua belleza, e do luxo que costumava ostentar.

Trazia vestido côr de fogo vivo, de que ainda mais se destacava seu rosto branco, e seu peito quasi todo á mostra, e vicejando alvo e opulento; pendiam-lhe das orelhas riquissimos brilhantes eguaes em alto valor ao collar de eguaes pedras que lhe ornavam o pescoço magnifico.

Desde o principio do spectaculo Voragem era objecto de numerosas apreciações; das se-

---

nhoras honestas umas a olhavam com evidente desprezo, outras com mal disfarçado odio, e todas com mais ou menos curiosidade; os homens a admiravam em sua surpreendente belleza e muitos mancebos mais audaciosos tinham ido cumprimenta-la em seu camarote.

Habituada a esses triumphos, Voragem recebia com satisfação os olhos eloquentes das senhoras, e com agrado a admiração dos homens; pagava com apertos de mão as demonstrações de affecto, que lhe levavam seus namorados e amantes ou não; mas, claramente preocupada, demorava seus olhos garços em um ponto da plateia, que lhe chamára desde o começo do espectáculo a attenção.

Naquelle ponto da plateia achavam-se sentados ao lado um do outro Simeão e um joven na flor dos annos, que olhava repetidas vezes para ella.

Era Arthur.

Mancebo alto de estatura, de bellos olhos pretos e cabellos da mesma côr, de tez pallida, Arthur era muito agradavel de aspecto e trabalhava elegantemente.

Simeão, incessantemente dirigia-lhe a atenção para Voragem, fazendo o seu elogio entusiastico.

— Mas parece que ella já te distinguiu, disse emfim a Arthur, não tira as vistas de ti.

— Ou de ti, respondeu-lhe Arthur.

— Não, de mim não, porque já nos conhecemos de muito tempo. No intervallo d'este acto irei fallar-lhe; queres ir comigo?..

— A que pretexto?..

— A pretexto de ve-la de perto, eu te apresentarei a ella.

— Não, prefiro olha-la de longe.

— Pois eu vou; ainda bem que terminou o acto.

E Simeão levantando-se, dirigiu-se ao camarote de Voragem, que o recebeu contente e risonhá.

— Porque não me trouxeste o teu companheiro?.. perguntou ella.

— Recusou-se a vir por não ser conhecido da sua pessoa.

— Ora! uma moça que todos conhecem?... que impressão lhe tenho causado?..

— Nem se pergunta! agradabilissima.

— E a ceia? . . .

— E' preciso convida-lo.

— E como, se elle não quiz acompanhar-te ao meu camarote!

— E' simples; desça ao jardim, tomaremos juntos um copo de cerveja e então terá occasião de dirigir-lhe o seu convite.

— Esse moço quererá tomar um copo de cerveja aqui comigo?

— Respondo por isso. Vou chama-lo e conduzi-lo ao jardim.

— Vá que eu apenas me demorarei um instante.

Simeão sahiu, e indo ter com Arthur annunciou-lhe que Voragem esperava-o no jardim para tomar um copo de cerveja.

Arthur não se fez rogar; levantou-se e foi, encontrando no pateo, mal chamado jardim, Voragem cercada de um grupo de adoradores, aos quaes despediu sem cerimonia, indo sentar-se a uma meza junto da qual se sentaram tambem Simeão e Arthur.



— Peço mil perdões, mademoiselle, pela liberdade que tômo, sentando-me a seu lado antes de ser-lhe apresentado.

— Com effeito, eu não contava com tamanha felicidade. Tomaremos aqui um copo de cerveja, e espero que hoje mesmo entabularemos boas relações, se o senhor quizer prestar-se a ir cear em minha casa.

— Oh ! mademoiselle, será para mim grande fortuna !.. respondeu Arthur, apertando a mãozinha que Voragem lhe offereceu.

No entanto servira-se a cerveja e a moça tocando o seu copo no de Arthur, disse-lhe :

— Ao nosso feliz encontro de hoje aqui e para que elle seja o prognostico da nossa futura amisade !

Arthur bebeu a cerveja a largos tragos, e descançando o copo na meza, disse :

— A dita é toda minha, mademoiselle e eu a saúdo como inapreciavel fortuna.

— Se pensa assim, devo ter por certo que convem em ir cear commigo.

— Sem duvida, mademoiselle !.. desejo ardentemente ver acabado este espectáculo.

---

— Se isso fosse verdade, e eu o motivo desse seu desejo, retirar-me-ia do theatro já.

— Os seus adoradores, mademoiselle, não me perdoariam ter-lhes roubado tão cedo o objecto de suas contemplações.

— Que fosse assim eu os desprezaria a todos pela gloria de dedicar-me completamente a um joven tão bello e tão agradável.

E dizendo assim, Voragem levantou-se e dirigindo-se ao seu camarote, tomou nelle um longo e rico manto, com que se envolveu e deixando a sala do theatro, sahiu e á sua voz argentina accudiu de prompto o phaetonte, que ao perto a esperava.

— Suba! disse ella a Arthur que a seguira.

— Não, mademoiselle! eu a acompanharei a pé em companhia de Simeão; respondeu-lhe Arthur.

— Suba! repetiu Voragem; Simeão adora o theatro sobre tudo, e tem ainda que fazer aqui.

Simeão empurrou para o phaetonte Arthur, que offereceu a mão a Voragem, e subindo atraz d'ella collocou-se a seu lado.

O phaetonte partiu.

Voragem sentada á mão direita de Arthur suspirou docemente, e logo depois disse :

— A noute está fria : quer servir-se de uma parte do meu manto, para livrar-se de algum resfriamento.

— Não, mademoisellé, junto da senhora eu sinto sómente calor e fogo.

— Então chegue-se mais para mim ; disse-lhe Voragem, lançando-lhe sobre os hombros metade do seu manto.

Arthur não teve que dizer, e chegando-se para Voragem uniu seu peito ao d'ella, e palpitanes ambos chegaram em breve á porta da casa desejada.

— E' aqui, onde móro, disse Voragem, saltando ligeira do phaetonte, seguida logo por Arthur, em parte contrariada, porque este deixára passar o pequeno trajecto sem offende-la audacioso.

— Entremos.

Entraram.

Chegados á sala que logo se illuminou, Voragem disse a Arthur.

— Dou pela mais feliz das minhas noutes esta, em que estabeleço conhecimento com tão guapo cavalheiro.

— A felicidade é só minha, em que me pude approximar da mais encantadora das mulheres.

— Muito folgaria, que me achasse bella; mas agora, enquanto se vae servir a nossa pequena ceia, permitta que me liberte desta *toilette*.

E dizendo isso, entrou para o interior da casa.

Arthur deixado só na sala, admirou o bom gosto e o luxo, com que se achava ornada; mas quasi logo appareceu Voragem trajando finissimo roupão branco, leve e amplo, que deixava completamente livre seu corpo de lindissimas fórmãs.

— Espero que não me ache menos bonita vestida assim; disse ella, sorrindo-se feiticeira a Arthur.

— Oh! está formosa, como sempre, e ainda mais, trajandò desse modo.

— Mas ao contrario do frio que sentimos na rua, faz tanto calor aqui! e ella despregou o fichu que lhe encobria os seios, ficando com elles quasi á mostra.

---

Ao vêr descoberto o entre-seio niveo e formoso de Voragem, Arthur estremeceu, vacillou, murmurando apenas:

— Que encanto indizível!...

E tinha os olhos fitos nos seios de Voragem, que lhe disse sorrindo de novo:

— Acha? Beije-os pois; aqui os tem.

E approximou-se do mancebo, que com a bocca avida beijou ardentemente os seios da moça, e, logo depois, erguendo-se, abraçou-a pela cintura e procurou-lhe os labios que se entregaram totalmente.

O beijo não durou muito tempo, porque estava declarada a victoria não de Arthur sobre Voragem, mas d'esta sobre elle.

Uma hora depois do beijo envenenador os dois, já amantes, foram cear alegremente, e acabada a ceia passaram uma noite de delirio.

Voragem era consumada na arte do vicio, desenvolta, sem vergonha e possuia segredos infernaes de luxuria.

Nessa noite Arthur não se récolheu a casa de sua mãe, e na manhã seguinte retirou-se possesso de Voragem.



## IV

### ARTHUR

Arthur era filho unico de uma senhora que havia um anno enviuvára, herdando uma fortuna de quatrocentos contos de réis, ao mesmo tempo que elle ficava possuidor de quantia pouco mais ou menos equal.

D. Mathilde da Silveira era senhora muito honesta; mas tendo sido casada com um homem muito severo e prepotente, habituára-se á vida passiva e á obediencia cega á vontade do marido.

Arthur da Silveira sujeito á influencia do genio de seu pae, foi creado e educado conforme essa absoluta vontade; não recebeu instrucção regular, apenas aprendeu a ler, a

.....

escrever e a contar, fazendo o orgulho do velho Silveira pela habilidade rara que mostrava na escripta, em que era exímio; completa assim a sua educação litteraria ficou guardado em casa, como filho de um rico capitalista, que viveu o resto dos seus annos emprestando dinheiro a elevados juros.

Amaldiçoado por seus devedores, victimas da maior usura, Arthur da Silveira passou a sua primeira juventude aferrolhado e comprimido, expondo-se a asperrimas reprimendas de cada vez que por acaso incorria em algum abuso proprio da sua mocidade.

Morreu enfim o velho Silveira, deixando a esposa bem afortunada e o filho nas mesmas condições; em suas ultimas horas de vida recommendou seu filho a Mathilde, aconselhando-a a fazer continuar o mesmo genero de vida que elle tivera.

Mas Arthur despresava o modo de viver de seu pae, e aos vinte e cinco annos livre de seu governo absoluto e oppressivo compressão determinou aproveitar a vida como ella lhe sorria.



---

Tinha para isso lisonjeiro começo de fortuna, quasi quatrocentos contos de réis, e além disso mãe igualmente rica, e que por morte do esposo, de quem fôra escrava absoluta, achava no filho um novo senhor mais tolerante e submisso.

Tudo a principio se passava regularmente e de accordo perfeito. Arthur da Silveira poz em ordem os negocios da casa, recebeu as dividas que seu pae deixára por haver, com sensivel abatimento de premios, empregando o capital em fundos publicos e encetou vida seria e honrada para a qual chegava a riqueza legada por seu pae.

Mas em breve Arthur da Silveira aos vinte e seis annos, e como novo no mundo, começou a discrepar.

Ligou-se a elle Simeão, um primo, parente estimado de sua mãe, que o fez abandonar a miudo a casa materna, e o iniciou nos prazeres da vida mundana, aproveitando além d'isso a sua bolsa, sempre que lhe parecia necessario.

E assim Arthur da Silveira foi introduzido em casas reprovadas, e provou na taça do vi-

cio o nectar envenenado de falsos prazeres, que deixam após arrependimento e às vezes remorsos.

Sobrava a Arthur da Silveira o dinheiro e era-lhe pois facil conquistar os favores mercenários, e novo nessa vida de perdição e sem providencia que o desviasse della, entregou-se todo á perversão dos costumes, e ao amor da luxuria.

Mas até bem pouco Arthur da Silveira tinha provado apenas fontes de prazer mais ou menos accessiveis, e que não lhe custavam peza-dos sacrificios, quando de subito Simeão vendido a Voragem, o impelliu para ella sem consciencia e sem compaixão.

Arthur da Silveira entregue aos phrenesis dessa moça bella e corrompida experimentou na sua noite de delirio todos os transportes da luxúria e do vicio, e na manhã seguinte deixou Voragem, perdido de paixão por ella, e completamente escravo dos seus encantos e da sua libertinagem exaltada e ardente.

Voragem tinha o condão de prender seus amantes em cadeias de fogo e de vertiginosa

---

loucura. Em uma só noite de delirio phrenetico decidiu do futuro de Arthur.

O inconscio e allucinado moço deixou os braços de Voragem, vendo-a abysmada em somno e abatimento, e jurando voltar em breve, e prôseguir nas suas victorias.

O falso victorioso voltou muito cedo ao seio dos seus facilimos triumphos; chegou ás dez horas do dia, e achando Voragem ainda adormecida, despertou-a a beijos fervidos, e deu-lhe um despertar voluptuoso, que ella lhe pagou com ardimento.

Arthur já tinha almoçado com sua mãe, mas partilhou o almoço de Voragem, que serviu-se ao meio dia.

Estavam os dois a saborea-lo, quando entrou a creada, trazendo em uma salva de prata uma carta que apresentou á ama.

Voragem abriu a carta e turbou-se muito. Arthur quiz saber o que ella continha, e vencendo a custo a repugnancia da moça em confessar-lhe do que se tratava, recebeu emfim a carta, e viu que era do proprietario da casa, que exigia promptamente o pagamento de trez

mezes de aluguel, que lhe estavam em divida, e que importavam em quatro centos e cincoenta mil réis.

— Pois por tão pouco se afflige?... perguntou Arthur; dê-me licença para satisfazer esta pequena despeza.

E tirando do bolso a carteira, entregou á creada quatro centos e cincoenta mil réis, que ella recebeu a um signal de Voragem, e foi entregar ao portador da carta.

— Tirou-me de um verdadeiro vexame, disse Voragem, porque confesso que não tinha á minha disposição essa quantia, e já era a terceira vez que vinha o cobrador do proprietario da casa recebe-la. Agradeço-lhe muito o favor.

Arthur passou o resto do dia com Voragem, apreciando-lhe os encantos physicos e os do espirito e tomando a si pagar-lhe optimo jantar, que mandou vir de um hotel de nomeada.

## PRIMEIROS DESGOSTOS

Logo nesse funesto dia ficou determinado entre os dois que Claudina Etenier pertenceria exclusivamente a Arthur, de quem ella se preparava a ser<sup>a</sup> Voragem impiedosa, correndo as despesas do seu tratamento e da sua casa por conta do amante.

E' claro que Arthur subscrevera um contracto para o qual não se achava habilitado com a sua insufficiente riqueza.

Claudina Etenier apresentara por condição *sine qua non* não prescindir de suas innocentes amizades, as quaes costumava regalar ás vezes com optimas ceas em hotéis famosos.

Arthur, não soube ao que se obrigava, mas apaixonado e perdido por Voragem conveio em tudo quanto ella quiz e lhe impoz.

Voragem não era susceptivel de amar, mas gostou de Arthur. Esse mancebo elegante e bonito agradou-lhe; ardente e forte serviu-lhe aos gosos da sua libertinagem; mas gosando-o á farta durante longos dias, acabou por saciar-se delle e por no fim de um mez desejar substitui-lo algumas vezes.

Durante ao menos um mez, isto é, durante um seculo na sua vida repugnante e indecorosa Voragem fez viver senão feliz, ao menos cobriu de prazeres, e consolado o pobre Arthur.

No entanto Voragem não media as suas despesas. Em cada dia era exigente de um rico vestido novo, não havia enfeite nem adorno que lhe bastassem e sempre descobria nas ourivesarias uma joia de preço, que a enlevava.

Arthur dispendia extraordinariamente com o tratamento de Claudina e no fim de um mez começaram as ceas que ella offerencia a seus amigos e socias de desenvoltura; silencioso

---

porém e tolerante sujeitava-se a todos os sacrificios de sua vergonhosa posição.

No segundo mez desses gosos incautos e violentos Voragem em uma de suas ceas deu a Arthur motivos de sérios reparos, entretendo namoro desbragado com Estephanio, um antigo amante seu, o que deu occasião a um resto de noute tempestuoso para os dois.

Mas Voragem já sabia os meios de reconciliar-se com Arthur, e lhe foi facil amanhecer aditada nos braços d'elle.

No dia seguinte Arthur chegou mais cedo, do que costumava, á casa de Voragem: eram nove horas da manhã, quando entrou, encontrando proximo da porta, Estephanio que o cumprimentou sorrindo. Teve impetos de perguntar-lhe, o que viera fazer ali áquella hora depois da cea da vespera; prudente porém conteve-se e foi achar a amante no leito e ainda não levantada e agitou-se muito por descobrir provas sensiveis de sua infidelidade.

Aflito e furioso, Arthur teve uma hora de indignação e de desespero; mas tão escravo era de Voragem, que acabou por abaixar-se,

prestando-lhe um culto indevido, e fazendo-a provar prazeres desacostumados, fruindo os restos de Estephanio.

Allucinado por sua desastrada paixão o amante perdido em premio da infidelidade de que recebera provas incontestaveis, propoz a Voragem que se casasse com elle.

— Casar-me contigo?!... e para que fim?... perguntou-lhe a indecorosa moça.

— Para vivermos um com o outro em face do publico, e para que sejas só minha.

— Em face do publico vivemos nós desde mais de um mez, sem que haja quem se alvo-roce por isso; e quanto a ser só tua, eu o sou e ligada aos deveres do casamento acharia graça em faltar a elles e em zombar de ti.

— Mas eu teria sobre a tua pessoa direitos que nenhum homem ouzaria disputar-me, e faria valer a todo o transe.

— E' uma experiencia essa a que não me submetto. Tens-me por tua amante, basta-te isso; não me sujeito a ser tua escrava.

— Segue-se que não me amas.



---

— Amo-te muito e do meu amor dou-te demonstrações vivas e manifestas todos os dias. Ainda queres mais, meu anjo?... Vem toma-las.

E Voragem abriu-lhe os braços, offerecendo a Arthur seu seio, niveo e offegante, que elle beijou com ancia e ardor indiziveis.

Este entreacto como que obrigado, apenas interrompeu as solicitações para realizar o casamento proposto, e a que a amante fria e insistente resistiu, pedindo por ultimo tempo para se resolver.

A ideia do casamento espantava Voragem. Ella contava devorar a fortuna de Arthur e ainda a de outros que viessem depôr a seus pés suas riquezas, e por isso oppoz pertinaz resistencia ao projecto desbrioso de Arthur, até que instigada por elle e não tendo mais evasivas nem argumentos que apresentar-lhe, deu-lhe o suspirado *sim*, e appellando para um adiamento que reputou necessario, e a que o amante, cego e louco, subscreveu.

Correram os dias entre as esperanças de Arthur, que contava já com o dia assignalado para as suas immodestas nupcias, quando um

dia Arthur foi encontrar Voragem nos braços de Estephanio.

E' difficil descrever a scena que então se passou. Felizmente Estephanio teve tempo de escapar pelo interior da casa, o que impediu sinistras consequencias.

Arthur entrando no quarto de Voragem, achou-a ainda muito perturbada e commovida, e lançando-lhe em rosto a sua traição innegavel, recebeu em resposta estas singelas palavras, que ella pronunciou, vencendo a perturbação e tornando-se galhofeira :

— Que queres, meu anjo ? . . . foi um pre-supposto ; pensei que já estava casada contigo e tratava de pregar-te um mono.

Arthur desde esse dia não pensou mais em casar-se com Voragem.

## VI

### A MÃE

Seis mezes se passaram assim entre infidelidades de Voragem e afflicções de Arthur que as perdoava uma hora depois de commettidas, sempre captivo dos encantos da moça que zombava d'elle certa do seu perdão e o entretinha e conservava preso pelos seus presentes, e pelas despezas desmesuradas que fazia com ella.

No fim de seis mezes toda a fortuna de Arthur estava gasta com Voragem; como elle porém estivesse encarregado dos negocios de sua mãe, ainda achava nos seus recursos meios de alimentar a sede acerva da amante.

E sem consciencia, nem honra, desfalcava em muito o que pertencia a sua mãe, que final-

---

mente reconheceu que em breve ficaria reduzida á pobreza, se não tomasse providencias contra a prodigalidade e os desperdícios do filho.

Mathilde, mãe amorosa e fraca não teve coragem de privar Arthur da gerencia dos seus negocios, que hiam de mal a peor, e sabendo da origem e da causa de suas desastradas despezas, um dia, em que mais contrariada se achava, tomou uma resolução desesperada.

Foi um dia de amargo soffrer, em que viu apresentar-se em sua casa um homem de parecer sinistro, que d'ella exigia o pagamento de avultada quantia sob pena de lhe tirar os trastes da casa em vergonhosa penhora.

Mathilde possuia algumas joias, quasi todas devidas ás usuras de seu finado marido; satisfez com ellas o impiedoso credor, e tomando o seu vestido de luto de viuvez sahio desesperada de sua casa.

Mãe amorosa e toda dedicada ao filho, já sabia de suas ligações com Voragem, já conhecia essa paixão desenfreada, e como lhe era impossivel vence-la, já tinha esgotado todos os

---

seus empenhos e conselhos maternas para arreda-lo dos perigos a que estava exposto, e em ultimo recurso determinou dirigir-se á propria Claudina Etenier, contando vence-la com as suas lagrimas de mãe desolada.

O filho não estava em casa, e Mathilde sahio só, e realmente abatida pela situação em que se achava, indo abater-se aos pés de uma mulher reprovada, ella a senhora honestissima e digna de todos os respeitos.

Era o extremo sacrificio a que se podia sujeitar uma exaltada mãe por amor de seu filho perdido.

Mathilde informou-se da casa onde morava Claudina Etenier e dirigiu-se a ella com o coração palpitante, as lagrimas nos olhos, e a vergonha estampada no rosto.

Voragem ainda guardava o leito, quando a creada lhe annunciou uma mulher que a procurava, e contando que lhe viesse pedir esmola, mandou despedi-la. A creada voltou e declarando-lhe que era a mãe de Arthur, ella, volvendo-se na cama, mandou-a entrar para o

seu quarto, curiosa do motivo, que trazia uma senhora honesta a sua casa.

Mathilde foi introduzida para junto do leito, que tantas vezes recebera o filho, e já disposta aos maiores opprobrios, beijou a face de Voragem, e logo depois ajoelhou-se a seus pés.

— Que é isto? . . . perguntou Claudina.

— Sou uma pobre mãe, que vem pedir-lhe a salvação de seu filho.

— A salvação de seu filho? . . . e como? . . .

— Minha senhora, eu sou a infeliz mãe de Arthur da Silveira.

— Infeliz mãe! . . . e porquê? . . .

— Porque meu filho me desampara e desama.

— Desama-a! . . . não a creio; porque a desamaria elle? . . .

— Porque a paixão o desvaira, minha senhora.

— Mas explique-se, eu não a comprehendo ainda.

— Meu filho, minha senhora, está cego e louco de amor por uma moça bella e fascinadora que já o tem feito dispender toda a fortuna que seu pae lhe deixou, e que agora

compromette seriamente a minha, que é o unico recurso que lhe resta.

— E que tenho eu que ver com isso?...

— Eu appello para o seu coração que todos me asseveram ser bom e compassivo, e venho curvada a seus pés pedir-lhe meu filho que se acha preso aos seus.

— Então vem pedir-me..

— Que por compaixão affaste de seus agradados irresistiveis meu filho, que voltado a mim, e attendendo á razão se lembrará mais e melhor da sua mãe, e se occupará d'ella como d'antes se occupava.

— Então essa mulher que desvia seu filho do cumprimento dos seus mais serios deveres, essa mulher a quem a senhora chamou bella e fascinadora, sou eu?!...

— E', minha senhora, e é por sua causa que meu filho me desampara e infelicita.

— Com effeito confesso que seu filho me visita algumas vezes, e que, como é de prever, gasta alguma coisa commigo.

— Mais de quatrocentos contos da réis em seis mezes, que está em relação com vossa...

excellencia; ora quatrocentos contos de réis era tudo quanto elle possuia... e já além d'isso dispendeu metade d'essa quantia que lhe não pertencia, e que era minha, e que eu dou por gasta e perdida, comtanto que meu filho volte a mim com juizo e livre de paixão funesta e esbanjadora. E' uma pobre mãe que o pede de joelhos, minha senhora.

— Não creio que seu filho tenha dispendido tanta fortuna commigo; mas dado o caso que o tivesse feito, eu apenas apanharia uma parte dos seus haveres, que porventura houvessem escapado a mulheres sem consciencia e sem brio, que especulassem com o dinheiro de seu filho. Eu considero-me livre de tão grande peccado.

— Não minha senhora, vossa. excellencia é quem deita a perder meu filho; tenho informações fidedignas, e todas ellas me asseguram a mesma cousa; é vossa. excellencia quem preverte e perde meu filho.

— Mas admittida a hypothese, que suppõe provada, o que vem a senhora pedir-me?... O dinheiro gasto por seu filho não lh'o posso



---

dar, porque foi dispendido em festas e prazeres em que elle tomou parte e que em ultimo resultado não são da minha conta. Que posso eu pois fazer para restituir-lhe o socego e minorar-lhe a afflicção?

— Pôde fazer muito, minha senhora; bastaria que contribuisse efficazmente do seu lado, despedindo de suas relações meu pobre filho, aconselhando-o a seguir o bom caminho na vida. Vossa. . . excellencia teria em suas recordações uma mulher infeliz a abençoal-a e uma mãe desgraçada a agradecer ao céu a sua intervenção a favor de seu filho.

— Compreendo agora tudo; quer que despeça seu filho de minha casa, e que o convide e o excite a desempenhar os seus deveres para com a senhora.

— E vossa. excellencia fará isso com consciencia e resolutamente?

— Hoje mesmo o farei; mas confesso que o resultado do seu empenho não dependerá de mim sómente.

— De quem dependerá mais?...

— De seu filho principalmente. Devo declarar-lhe que o amo, e o amor é pessimo conselheiro n'estas occasiões; eu juro-lhe que amo Arthur, e em tal caso aconselha-lo a fugir-me, a evitar-me, a esquecer-me, não me será facil, mas em attenção ao seu proprio dever e ás obrigações do seu estado, eu o farei, attendendo ás suas supplicas.

Mathilde levantou-se e abraçando os pés de Voragem, beijou com seus labios de mãe allucinada aquelles pés de moça dissoluta e reprovada.

Ao toque da campainha accudiu a creada, que por ordem de sua ama acompanhou Mathilde até á porta da rua.

Voltando e apresentando-se de novo a esta, Voragem perguntou-lhe ainda revolvendo-se no leito:

- Que horas são?..
- Quasi onze horas da manhã.
- Não é tempo de me dares alguma cousa para almoçar?..
- O almoço está prompto ha muito tempo.

---

— Ah! foi essa velha endemoinhada e impertinente, que me fez esquecer o almoço; ella terá de queixar-se muito mais do meu esquecimento.

E saltou do leito, recebendo da creada o auxilio para vestir-se, dizêdo-lhe no entanto:

— Não estou mais em casa para receber esta mulher.



## VII

### COMO CUMPRIU VORAGEM A SUA PROMESSA

De quanto lhe expozera a pobre mãe só ficou na memoria de Voragem a declaração de que a fortuna de Arthur se achava esgotada, e que só lhe restavam os haveres maternos já em parte também consumidos.

Não doeu á mulher dissoluta a posição desesperada em que se achava o amante e se via sua amorosa mãe. Olhando-se ao espelho, Voragem convenceu-se ainda mais que todos os sacrificios eram devidos á sua belleza, e que o aluguel dos seus encantos valia muito mais do que lh'o pagava Arthur.

Mas, prevenida da ruina do amante ella entendeu que lhe cumpria preparar um substituto, que opportunamente desempenhasse o

---

papel de pagador obrigado de suas despesas e de seus prazeres.

Correndo com o seu espirito ligeiro e devasso por todos os seus pretendentes, que então a cortejavam e solícitos se apresentavam a sequestra-la, parou em um homem avelhentado, que lhe fazia assidua e teimosa côrte.

O aspecto physico d'esse homem não lhe agradava, ella porém tinha sabido informar-se de outras condições que elle reunia, e essas inclinavam-a para o candidato velho e feio.

Esse homem era casado e tinha uma filha que parecia occupa-lo muito, e, o essencial, era rico e podia gastar com uma mulher de quem fosse apaixonado.

Voragem rezolveu pois alimentar as esperanças d'esse pretendente, calculando com elle para faze-la esquecer Arthur, quando este se achasse de todo depennado.

Custava-lhe a substituição, porque Arthur era bello e satisfazia plenamente, ella porém amava muito mais e sobre tudo a si propria e não havia amante, que não estivesse prompto

---

a sacrificar-se a um vestido de velludo e de seda, e aos adornos e jóias que desejava.

Voragem almoçou reflectindo nas circumstancias, em que se achava, deliberando em vez do que promettera á mãe de Arthur, obri-gar este a novas e subidas despezas a fim de lhe esgotar os recursos, e colher d'elle ainda quanto pudesse.

N'essa disposição de espirito estava ella, quando chegou Arthur, que correu logo a beija-la, recebendo em troca beijos não menos fervidos.

— Achas-me hoje de bom humor, disse-lhe Voragem.

— Tanto melhor, mas porquê? . .

— Porque pratiquei ha duas horas uma boa accção por teu respeito.

— Então que foi? . . .

— Aqui estive Estephanio sempre apaixonado por mim, e que, sabendo hontem que eu desejava possuir aquella pulseira de esmeraldas e brilhantes que não quizeste ou não pudeste dar-me, veio offerecer-me de corpo pre-

sente cinco contos de réis, que tive a fraqueza ou a virtude de rejeitar.

— Mas onde foi Estephanio buscar cinco contos de réis?... Eu sei que elle luta com embaraços serios e grandes.

— E' que quem ama descobre por toda a parte meios para obsequiar a amante. O certo é que elle me offereceu e sem contar os cinco contos de réis, dinheiro sufficiente para obter a pulseira.

— E tu rejeitaste-os Claudina?..

— Dizes ou perguntas-me isso, tendo nos labios um sorriso de quem duvida...

— Não.

— Sim, e tanto que continuas a sorrir do mesmo modo. Estás-me fazendo voutade de te provar a verdade.

— E como?...

— Da maneira a mais facil e a mais agradavel para mim; acceitando eu a pulseira ou o dinheiro para compra-la. Queres apostar commigo que amanhã me apresentarei a ti com a pulseira no braço?.



— Não aposto não, Claudina, e se não fossem as difficuldades com que me vejo combatido, desde hontem terias a suspirada pulseira.

— Fallas-me em difficuldades em que não acredito. Estephano não tem os teus recursos e offerencia-me a joia que desejo. E' porque elle me ama muito mais do que tu.

E Voragem fez um momo de desagrado que desnortou Arthur, o qual para disfarçar o seu desapontamento chegou-se a ella e abraçou-a apertadamente.

Claudina esquivou-se ao abraço gracioso e affastando-se disse :

— Não quero que me abrace assim hoje; começa a aborrecer-me.

— Em tal caso vou-me embora...

— Não me opponho a que te retires, tanto mais que me é facil mandar chamar Estephano. Sei onde elle será encontrado.

— Não farás isso, Claudina.

— Fa-lo-ei, palavra de honra.

— Pois fa-lo, exclamou Arthur tomando o chapeo.

---

Voragem não se moveu para dete-lo, e, ao contrario, tocou a campainha.

Accudiu logo a creada.

Arthur que sahira contrariado, parou no alto da escada e escutou.

Voragem percebeu que elle tinha parado e fazendo signal á creada, disse-lhe em voz alta e alterada :

— Vae á rua de... n.º... procura lá o senhor Estephanio e dize-lhe que pôde vir e que traga o dinheiro ou a pulseira. Vae!

Mas a creada não poude sahir porque Arthur, que a impediu de o fazer, entrou de novo na sala, e indo para Voragem, ajoelhou-se a seus pés, dizendo-lhe :

— Não, Claudina, não me farás similhante traição. Sabe que te amo perdidamente e que por ti farei tudo quanto desejares.

— Menos dares-me a pulseira que tanto ambiciono.

— Dar-te-ei essa pulseira, Claudina, ainda que ella me custe, o que nem pensar. Hoje mesmo, antes das tres horas da tarde, receberás de mim essa joia.

---

Voragem mudou de aspecto e de modos ; de irritada que estava tornou-se risonha e mansa como um cordeirinho ; alongou os braços e passando-os pelo pescoço de Arthur, puchou-o para si e imprimiu-lhe nos labios um beijo promissor de mais doce goso.

Arthur quasi que a carregou enthusias-  
mado.

N'esse dia Arthur vendeu na praça algumas apolices pertencentes a sua mãe, de quem tinha procuração para tratar dos seus negocios, e comprou a pulseira em questão, dando-a, contente, a Voragem.



## VIII

### VESPERAS DO DESENGANO

Mais quatro mezes de vida ingloria e nefasta, em que um mancebo que tinha o dever de ser util a si e á sociedade, e sobre o qual corria a religiosa obrigação de velar pela fortuna e pelo bem estar de sua mãe, mentiu á sua nobre missão e não sómente queimou na fogueira da luxuria dissipadora tudo quanto possuia como ainda reduziu sua mãe á pobreza, esgotando na perversão de seus costumes o que ella tinha de seu.

Fatal resultado da paixão inconfessa e vergonhosa ! Arthur não tinha desculpa que lhe valesse ; era victima de seu vicio e de sua libertinagem, e então vivia de compromissõs impossiveis de satisfazer, e de dividas que contrahia

ainda para pagar a sua infrene submissão ao amor de Voragem que em seu egoismo enregelado ria-se d'elle a sós comsigo e ainda devorava terrível e sem compaixão os restos de sua já extincta riqueza, e o que a fama d'ella lhe proporcionava em empréstimos que entre seus amigos conseguia obter.

Não era mais toleravel a vida que Arthur arrastava : sua mãe já vivia em penuria, e tudo quanto elle podia conseguir, appellando para a confiança de alguns e para as condescendencias da amizade lá hia deturpar-se aos pés de Voragem, que sempre insaciavel de ouro, punha como o salteador de estrada o punhal aos peitos do amante.

Mas nem assim Arthur vivia consolado e satisfeito pela affeição de Voragem, que lhe dava diariamente, desde que o vira empobrecido razões de bem fundadas queixas, sendo-lhe repetidas vezes infiel, e já nem fazendo reservas de suas infidelidades, a que ella dava como pretexto as necessidades do seu tratamento descommunalmente dispendioso.

---

Voragem quasi que fechava a porta de sua casa a Arthur, e se ainda o recebia n'ella era sómente pelos ultimos sacrificios, que lhe custavam a vergonha e a honra.

Contando vêr-se em breve livre de Arthur, Voragem recebia em sua casa um pouco familiarmente, mas ainda não de todo possuidor de suas graças, o homem avelhentado em que ella puzera desde algum tempo os olhos.

Leandro contava então coisa de cincoenta annos; era, como ficou dito, casado e rico e apaixonara-se por Voragem, vendo-a passar no seu phaetonte pela rua do Ouvidor.

Dispondo de grandes cabedaes, e disso orgulhoso, começou a namorar Voragem e correspondido por ella, assentara suas baterias e procurára introduzir-se na casa da facil moça.

Não lhe foi difficil consegui-lo; mas difficil lhe foi chegar ao fim de seus immodestos desejos.

Voragem sabia contemporizar, e expôr a boas provas a paciencia dos seus apaixonados.

Leandro passou mezes a esperar o resultado dos seus empenhos, e admittido á pre-

sença e na sociedade de Claudina Etenier, apenas mereceu recepção obsequiosa e animadora que foi pagando com presentes mais ou menos preciosos.

Arthur não tinha ciúmes de Leandro; reputava-o incapaz de disputar-lhe Voragem não sómente pela idade em que se achava, como pela fealdade; zombava d'elle, conversando com a amante, e muitas vezes ria-se dos presentes que esta recebia do seu velho pretendente.

Mas um dia Leandro chegou um pouco cedo a casa de Claudina Etenier e pretextando trazer-lhe um mimo de valor, foi por ella recebido no leito, onde ainda se achava.

Leandro beijou-lhe a mão muito respeitosa-mente e inquerido logo sobre o presente que lhe trazia, tirou do bolso e apresentou-lhe umas ricas ligas com feixes de brilhantes.

— Para que tão caro enfeite?...

— Para atar-lhe as meias, está visto.

— Servir-me-hão?... perguntou Voragem, fitando no velho um olhar provocador.

— Experimentam-se, respondeu Leandro suspirando.



---

Voragem teve vontade de rir do suspiro que exhalava o velho, mas conteve-se e respondeu com doce voz :

— Em tal caso experimente.

E fazendo um leve movimento poz a descoberto uma perna bem torneada e capaz de pôr Leandro com dez annos de menos.

A consequencia da acção de Voragem é facil de prever.

Leandro foi recebido no leito da moça e provou delicias que nunca imaginava. Voragem quiz prende-lo a seus pés e esgotou todos os recursos da sua libertinagem.

Leandro deixou o leito com possesso de Voragem, como Arthur na noite do seu delirio e na retirada do theatro.

Logo depois a sós na sala, os dois conversavam largamente.

Leandro propoz-se a tomar a seu cargo Voragem, fazendo-lhe offerecimentos deslumbrantes, o que ella acceitou sob a condição de dar-lhe algum tempo para despedir convenientemente Arthur.

Postos ambos de accordo, estava o velho a despedir-se, quando Arthur entrou.

Claudina recebeu-o friamente, e elle vingou-se d'essa frieza, fazendo de Leandro objecto de suas zombarias, ao que o velho respondeu sorrindo, e perguntando-lhe acintosamente, como hia de fortuna e de negocios.

Pouco depois Leandro sahiu, deixando Arthur desapontado com a sua pergunta.

— Ficaste amuado?... perguntou-lhe Claudina Etenier.

— Um pouco, confesso-o.

— Porquê?...

— Porque elle perguntou-me como vou de fortuna e de negocios, e essa pergunta precisa de explicação.

— Pois eu t'a dou. Conversavamos sobre meios pecuniarios, e eu cahi na indiscripção de mostrar desejos de possuir aquelle lindissimo collar de perolas que hontem vimos na ourivesaria de...

— E pelo qual pediram dez contos de réis.

— Isso mesmo, e me asseguraram que a baroneza de. mostrára a seu marido vãos desejos de possui-lo.

— Pois se é tão caro !

— Mas as perolas são magnificas, e eu daria dez annos da minha vida por possuir esse collar.

— E elle que te disse?...

— Que eu o desejava debalde, porque tu, o homem que eu distingo e que me tem por sua estava arruinado, e que não podia dar-m'o.

— E infelizmente disse-te a verdade.

— Arruinado não te creio, Arthur ; andas ultimamente em embarços financiaes, mas d'ahi para estares arruinado vae muito.

— Ainda assim não estou mais em circumstancias de te fazer esse presente.

— Então Leandro pensa bem : estás arruinado.

Arthur tinha medo que a ideia da sua ruina se apoderasse de Claudina pelo receio de se ver despresado por ella, apressou-se por isso a responder :

— Arruinado não ; ainda tenho recursos que me asseguram futuro e felicidade.

— Em tal caso dar-me-has o collar de perolas.

— Não posso, Claudina; actualmente não tenho dinheiro bastante para isso.

— Mas é um capricho meu: quero que me vejam com o collar que a baroneza de... desejou em vão possuir.

— E' um capricho que deves vencer; porque o teu dedicado amante não está em circumstancias de satisfaze-lo.

— Sabes o que é um capricho de mulher?

— Creio sabe-lo: já tenho satisfeito tanto que tens tido.

— O ultimo é sempre o mais forte e potente.

— Infelizmente é inutil.

— Inutil! segue-se que não tenho mais poder algum sobre ti.

— Tens muito, tens todo, pedes-me porém o impossivel.

— Mas eu quero este impossivel, Arthur!.

— E' loucura desejar o impossivel.

— Eu desejo-o, e portanto quero-o.

— Onde irei buscar dez contos para servir o teu capricho?...

— Disseste ha pouco que ainda te restam recursos pára contar com o futuro e com a felicidade.

— Suppõe que eu te disse então uma mentira, e que me acho deveras arruinado, Claudina !

— N'esse caso, boa viagem, meu caro; não tem mais que fazer aqui.

— Tu despedes-me? . . .

— Eu quero o collar de perolas.

— Não posso dar-t'o.

— Pois eu repito-te : boa viagem !.

— Claudina ! . . .

— Não te receberei mais em minha casa, senão trazendo-me o collar de perolas !

Arthur tentou abraça-la, mas foi repellido.

— Não me abraçarás mais nunca ! . . . ficamos entendidos.

Arthur desesperado tomou o chapéu e sahiu em violento desespero, em quanto Voragem bradava em furia :

— Quero o collar de perolas ou não entra mais aqui !.

---

Mas d'ahi a pouco fria, calculista e tranquilla dizia comsigo:

— Elle ha de trazer-me o collar de perolas e eu o receberei ainda esta noute.

## IX

### O COLLAR DE PEROLAS

Arthur sahira phrenetico de casa de Voragem. Perde-la para sempre, não a apertar mais em seus braços, era ideia que não cabia em seu animo.

Esse mancebo desorientado por fatal paixão não se lembrava senão de Voragem. Sua mãe tinha perdido toda a influencia sobre o seu espirito e apenas era recordada para augmentar os soffrimentos d'elle com os remorsos de a ter reduzido á miseria.

Mas o que preocupava Arthur sahindo de casa de Voragem, era o meio de haver dinheiro para lhe comprar o collar de perolás.

Afflicto e acelerado dirigiu-se a diversos amigos que evitaram emprestar-lhe a quantia

de dois contos de réis. Foi ter á ourivesaria onde se achava o collar de perolas e empenhou-se debalde em compra-lo sob palavra, promettendo paga-lo em breve praso.

Perdidas assim as esperanças de obter por aquelles meios a joia almejada por Voragem, Arthur lembrou-se de tentar um crime; combateu a tentação durante duas horas, mas por fim coagido pela paixão infernal ousou praticá-lo.

Passou uma letra que assignou como accetante e falsificou a firma de um negociante conhecido e muito considerado, firmando-a como endoçante e saccador e com ella foi de novo á ourivesaria, cujo dono não hesitou em entregar-lhe o collar de perolas.

Eram oito horas da noite quando ultimou a transacção criminosa e logo, diligente, encaminhou-se para casa de Voragem que o esperava anciosa, contando com o collar, que viu e examinou com cuidado, acabando por sorrir dadivosa a Arthur, que a teve n'aquella noite ebria de contentamento e voluptuosa como nos seus mais aditados e ardentes dias.



Mas Arthur parecia febril e vacillante ; havia nelle o quer que fôsse que o agitava e lhe tirava todo o socego, e tanto que ao romper da aurora levantou-se e sahiu, despedindo-se de Voragem constrangido e como em convulsão nervosa.

A amante reparando naquella agitação presentiu o que seria, e chamando a creada deu-lhe ordem para que negasse a entrada a Arthur, annunciando-lhe a sua formal despedida, e d'ahi a pouco foi ver ao espelho o effeito que produzia o seu collar de perolas.

Tão barbara crueldade logo depois de recebido o caro e tão reclamado presente era digna e propria sómente de uma mulher sem coração, como Voragem ; todas, porém, como as da sua condição e vida são como ella. Quem vê uma, vê todas.

Arthur voltou debalde por vezes nesse dia a casa da amante, e achando-a fechada para si, retirou-se sempre contrariado e resentido, mas adivinhando a certeza do seu desprezo.

Talvez que muito mais sensivel lhe fosse o procedimento insolito de Voragem para com

elle, se a ideia da letra falsificada que deixára na ourivesaria não o perseguisse incessantemente.

Arthur gastou o dia empregando esforços inauditos para pagar a importancia da letra e faze-la desaparecer, mas perdeu, como na vespera, todo o seu trabalho para obter dinheiro.

Já era de todos sabido que elle estava empobrecido, e que os cabedaes de sua casa se achavam completamente dispendidos. Não lhe restou portanto a mais leve esperanza.

Arthur determinou-se pois a fugir da cidade do Rio de Janeiro e do Brazil antes de ser descoberto o seu crime. Demorou-se porém nesse dia movido pelo impetuoso desejo de tornar a ver Voragem e de a apertar em seus braços.

Passou assim o dia mais tormentoso, e, chegada a noite, foi postar-se defronte da casa da amante, que o não queria receber mais, e ahí passou longo tempo, esperando vê-la á janella ou sahir.

Finalmente o phaetonte parou á porta de Voragem ás dez horas da noite, e Arthur viu-a

sahir elegantemente vestida e levando por adorno o collar de perolas.

Arthur chegou-se a ella, e lançando-lhe em rosto a sua incrível crueldade, pediu-lhe explicações que sem duvida não podia receber.

— Vou cear em companhia no hotel de . . . , se quiser tomar parte na nossa ceia venha depressa.

E subindo para o phaetonte, mandou toca-lo.

Acompanhando o phaetonte, no qual nem lhe fôra offerecido um logar, Arthur dirigiu-se ao hotel, onde foi recebido como freguez habitual, e introduzido no salão da ceia, que já se achava cheio de convidados.

Eram todos mais ou menos conhecidos. Mulheres com os seios quasi de todo á amostra e ostentando modos desenvoltos, a par de mancebos que as tratavam como ellas mereciam e queriam, distinguindo-se entre umas e outras Voragem, trajando ricamente com o seu collar de perolas ao pescoço, e tendo ao lado muito ufano Leandro, que era sem duvida o pagantê da ceia.

Arthur aceitou impudicamente a posição que lhe era concedida, e quasi com a indiferença de um moribundo, que tem por certa a morte desejada, tomou assento á mesa da ceia, occupando uma das ultimas cadeiras.

O banquete começou alegre para se tornar logo estrepitoso.

Leandro era objecto de felicitações e de parabens pela conquista que acabava de fazer, apresentando-se á sociedade como o amante preferido de Voragem, e fatuo e orgulhoso desse titulo e d'essa posição no meio de tal assembleia, indicava a pobreza do seu espirito não poupando doestos ao pobre Arthur, que o ouvia silencioso mas desensofrido.

— A' saude dos novos amantes e para que seja perpetua a sua felicidade, exclamou um dos convivas, enchendo a taça da sua visinha e esvasiando a sua.

— E á saude dos abatidos para que Deus os console em seu desalento!... respondeu Leandro enchendo tambem o copo de Voragem e o seu que esvasiou de um trago.

---

Arthur ergueu-se a essa nova provocação e com a mão tremula de raiva, entornando o champagne, que procurava deitar na taça, disse em voz alta e como que prophetica:

— Aqui mesmo e dentro em breve serei vingado dos ultrajes e insultos, com que o sr. Leandro me provoca: aqui mesmo e dentro em breve elle será o alvo do esgarceo dessa mulher devassa e desenfreada, que me condemna a soffrer tanto; elle experimentará os martyrios que supporto e talvez maiores ainda; no entanto eu me retiro, deixando-lhe as provas do meu mais solemne desprezo nos restos d'este vinho que não bebo, porque acho melhor atirar-lh'o ao rosto.

E com rapido movimento atirou o vinho que ainda tinha na taça sobre Leandro, e levantou-se para sahir.

A tal insulto Leandro quiz deixar a cadeira, onde se sentava, sendo porém sustido por Voragem.

Todos os convivas levantaram-se aturdidos e irritados pelo proceder de Arthur, e no meio

dessa desordem, commovêtu-se e alterou-se a assembleia, ouvindo uma voz que bradou:

— Em nome da justiça publica!

Arthur cahiu, como fulminado sobre a cadeia, da qual se levantára, prevendo que era elle o procurado pela justiça publica.

E com effeito era elle.

O dono da ourivesaria mandára apresentar a letra ao endoçante, e com a resposta de que a firma d'este tinha sido falsificada, procedera *in continenti* de modo a acautelar os seus interesses, fazendo prender o culpado.

Informado de quem era Arthur, e de suas relações com Voragem, e lembrando-se de que ella se apeiára na sua ourivesaria dois dias antes, ajustando o collar de perolas, poz-se no encalço de Arthur e auxiliado pela justiça fôra apanha-lo na ceia do hotel de...

Sabendo dô que se tratava Arthur entregou-se á prisão, confessando o seu crime, ao mesmo tempo que o dono da ourivesaria, que acompanhava a auctoridade e a escolta, vendo o collar de perolas alvejando sobre o peito de Voragem, exclamou dirigindo-se a ella:

— Eis aqui o meu collar de perolas. . .

E estendia as mãos, como para despojar d'elle Voragem, que se inclinou sobre Leandro, como a pedir-lhe protecção.

— Não toque nesta senhora, disse Leandro; se o collar que ella traz em si é o de que se trata, amanhã sem falta o senhor será pago.

— O senhor Leandro Pereira m'o assegura? perguntou-lhe o dono da ourivesaria.

— Ainda bem que me conhece, respondeu Leandro. Asseguro-o, amanhã de manhã o senhor será pago.

Arthur no meio dos soldados ouviu apenas este breve dialogo, e retirando-se levado preso, maldisse de Voragem em uma imprecação justissima e dolorosa.

A auctoridade e a escolta retiraram-se, conduzindo Arthur para a prisão.

Passaram-se alguns minutos de commoção obrigada depois de semelhante scena.

— Coitado! disse enfim uma das moças; é pena, porque a fallar a verdade é um bonito moço.

---

— E agora que será d'elle? perguntou outra.

— Terá de pagar a habilidade com que falsifica firmas.

— Pobre moço, acrescentou uma outra das moças.

— E os gelados? Sirvam-nos dos gelados, exclamou Voragem, reclamando a continuação da ceia.

E ceou ainda essa mulher sem consciencia nem piedade, e acabada a ceia retirou-se para a sua casa acompanhada por Leandro que foi passar o resto da noite junto d'ella.



## X

### LEANDRO

Se Arthur na prisão, onde soffria as consequências do seu crime, pudesse ter noticias da vida que levava Leandro, e tivesse no animo o pensamento de desforra, por certo que se julgaria bem vingado com a sorte que corria para o seu rival.

Leandro achou-se sem o pensar preso nos encantos de Voragem, como uma victima nas garras de um tigre com a differença de que no seu caso a victima não se estorcia, sentindo-se ferida, nem se reputava condemnada, e que o tigre sorria-lhe, e a levava ao ponto de supôr-se feliz.

Elle era sem a menor duvida muito mais desgraçado do que Arthur, porque velho e

desalentado não gosava tanto como este, e além disso pagava muito mais caro do que elle os favores que recebia.

E' facil de comprehender-se a vida de Leandro dominado por Voragem. Um velho que se deixa possuir por uma mulher moça, bella, e sem coração, torna-se o joguete d'ella, perde completamente o juizo, e não sabe mais de si.

Voragem, fingindo-se amorosa de Leandro, fe-lo antes de tudo esquecer a esposa e a filha, obrigando-o a affastar-se dellas para vir morar em sua companhia.

Multiplicando carinhos e apuros de luxuria que emprestavam a Leandro forças que realmente já lhe hiam faltando, a refalsada moça fez-se para elle tentação obrigada, que lhe inspirava o mal, e que lhe estragava a existencia sem que elle o sentisse.

Dispendendo sommas incalculaveis que Voragem exaggerava, mostrando-se publicamente ao lado de Leandro, no theatro e ora a pé, ora em vistoso carro, não admira que dentro de poucos mezes soffresse elle revezes em sua fortuna.

---

Muito mais cedo do que Arthur o velho experimentou o desfalque de seus capitães, mas sob a influencia satânica de Voragem e obedecendo a todos os seus caprichos, contrahiu dividas onerosas e teve muito em breve de vender a casa em que morava sua familia, passando a mulher e a filha para uma humilde morada de porta e janella, unico refugio que lhes restou.

E accresce que Iduvirges, sua esposa, se achava padecendo gravemente do peito, e que condemnada a privações e a falta de tratamento hia peiorando a olhos vistos, tanto mais que a irritava e affligia a indiferença cruel do marido.

Ainda mais: em um dia lugubre Leandro foi visitar as duas victimas de Voragem e pretextando urgencia de dinheiro, privou a mulher e a filha de suas joias, assegurando-lhes que a privação seria apenas temporaria, porque elle apenas as hia dar em caução e que em pouco tempo as resgataria.

— Mas que tens feito da nossa riqueza?... perguntou-lhe Iduvirges; tudo tem passado ás

---

mãos de uma mulher corrompida, que nos reduz á miséria. Eu estou doente, e não sou tratada convenientemente. Já me faltam os meios para alimentar-me como d'antes; se não te mereço attenção, nem cuidados, lembra-te ao menos de Etelvina, a nossa querida filha, que padece como eu.

Mas, respondidas com explicações mentirosas essas queixas da esposa, Leandro conseguiu o que era essencial para elle, a entrega das joias que Iduvirges não pôde defender, e desapareceu, deixando as duas senhoras abatidas e inconsolaveis.

## XI

### AS DUAS VICTIMAS

Etelvina ficando a sós com sua mãe, atirou-se-lhe aos braços e apertada nelles, disse-lhe chorando :

— Minha mãe!... Minha mãe!. Estamos sem o derradeiro recurso com que eu contava.

— De que recurso fallas, minha filha ?

— Das nossas joias, que nos seriam de previdente recurso nas ultimas necessidades.

— Deus é por todos, minha filha, e principalmente pelos infelizes. E' impossivel que teu pae continue a desamparar-nos na situação em que nos achamos.

— Meu pae mudou muito desde alguns mezes e eu não tenho nelle mais esperança alguma.

— Confia no ceu minha filha, é continua sempre a ser digna da benção de Deus. Resemos menina, resemos por teu pae e por nós.

— Resemos pois minha mãe, e que nossas orações cheguem aos pés do Senhor e de sua mãe santissima.

E as duas senhoras ajoelharam-se e resaram, sendo todavia a oração de Iduvirges interrompida pela tosse teimosa que a atormentava.

— Basta de resar minha mãe, disse Etelvina; a oração faz-lhe mal, augmenta-lhe a tosse. Deixe-me ir buscar-lhe o remedio que o medico hontem receitou.

E Etelvina muito cuidadosa de sua mãe, levantou-se e foi dar-lhe uma colher do medicamento receitado.

Iduvirges acceitou da mão da filha a colher do remedio e foi pedir ao somno lenitivo a seus males.

Etelvina com os olhos razos de lagrimas viu-a sahir da saleta da casa e acompanhou-a de manso até ao seu quarto no interior, retirando-se depois de a ver deitada.

---

Essa pobre filha desconfiava seriamente do estado de sua mãe, por palavras que ouvira ao medico; já tinha avisado a seu pae do que ouvira ao doutor, mas fizera-o inutilmente.

Sem meios para poder trata-la de modo conveniente e animador, Etelvina sentia que a vida de sua mãe se hia consumindo aos poucos e tinha quasi perdida a esperança de salva-la.

O medico lhe havia indicado a necessidade de procurar clima mais favoravel do que o da cidade do Rio de Janeiro, mas faltavam os recursos para empregar esse expediente. Debalde Etelvina se dirigira uma vez a seu pae, reclamando soccorro para sua mãe; Leandro lhe respondera que Iduvirges não estava mal como dizia o medico; que apenas padecia de uma catharral, que seria vencida com paciencia e cuidado, e que elle não se achava em circumstancias de carregar com as despezas de uma mudança para fóra e longe da cidade.

Etelvina achou-se pois reduzida a seus desvelos que não aproveitavam muito á sua carinhosa mãe, e em desespero imaginava meios que pudessem servir a sua mãe.

---

Etelvina tinha vinte annos de idade e era bonita ; seus olhos negros e bellos, seu rosto sympathico e attractivo, sua tez assetinada e suave, davam-lhe direitos á conquista de corações sensiveis ; mas depois do descalabro e da ruina da fortuna de seu pae, fugiram os pretendentes á sua mão de esposa, que ella então mais que nunca desejava ser, contando d'essa arte achar-se no caso de servir melhor sua mãe.

Debalde punha-se á janella na esperança de ver passar pela rua algum dos seus antigos apaixonados ; debalde, porque o empobrecimento de seu pae, que já era conhecido, espantava para longe todos aquelles que tinham outr'ora queimado incensos a seus pés.

Más na sua pobre casa de porta e janella, Etelvina sempre bonita e agradável, interessou a um homem de meia idade e prestimoso, ao menos apparentemente, que lhe fez assidua côrte, e pareceu amoroso d'ella.

Era elle o proprietario da casa onde Iduvirges e Etelvina moravam, e que costumava a vir receber o aluguel ; havia quatro mezes que ellas alli moravam.



Etelvina, bem que não sympathizasse com o sr. Marianno, que assim se chamava esse homem, fingiu-se sensível ás suas demonstrações de affecto, levada a isso pelo amor de sua mãe, escondendo comtudo a esta o seu simulado amor para não ser obrigada a confessar-lhe a origem e o motivo d'elle, esperando do tempo mais aditado futuro.

Marianno aproveitou a tolerancia de Etelvina para declarar-se seu apaixonado; e repellido por ella todas as vezes que pretendeu fallar-lhe á janella, reconheu a uma velha escrava, unica creada que servia as duas senhoras, e mercê da escrava mandou-lhe recados repetidos, e atreveu-se a escrever-lhe, assegurando-lhe o seu amor. Etelvina recebia os recados e as cartas, mas não respondia nem a uns nem a outros.

Chegou o principio do quinto mez da occupação da caza, e Marianno appareceu para receber o aluguel.

Iduvirges não tinha dinheiro e desculpou-se com Marianno, dizendo-lhe que seu marido es-

---

tava auzente, e desde que chegasse lhe diria que fosse pagar o aluguel.

Marianno não se mostrou descontente, e ao contrario pediu desculpa a Iduvirges por ter vindo incommoda-la, asseverando-lhe que a falta em que incorria seu marido não seria motivo para causar-lhe algum desgosto.

E retirou-se mostrando-se muito sensível pelo estado em que via Iduvirges, que nos ultimos dias peiorára notavelmente.

Etelvina agradeceu por sua mãe e por si a Marianno, e dando-lhe em despedida a mão, sentiu que elle lh'a apertava docemente.

Nesse mesmo dia Etelvina recebeu uma carta de Marianno, em que elle entre mil finezas lhe dizia o seguinte:

«Quando fui hoje receber o dinheiro do aluguel da casa, já sabia que a senhora sua mãe não o tinha para dar-m'o; porque não ignoro as circumstancias apertadas em que se acha seu pae; não seja porém isto motivo de desgosto, por isso que as senhoras podem occupar a casa em que estão, por todo o tempo

---

que lhes fôr preciso sem se embaraçarem com o seu preço.»

Etelvina resentida desta declaração afrontosa da carta de Marianno, desatou a chorar, e chamando pouco depois a escrava, ordenou-lhe que a entregasse de novo ao homem, que lh'a mandara, notificando-o que lhe não escrevesse mais, porque todas as suas cartas seriam rejeitadas.

E enxugando as lagrimas, foi ter com sua mãe, a quem encobriu quanto se passara com ella.



## XII

### O SEDUCTOR

Marianno sabia quanto se passava na casa das duas senhoras.

A escrava lhe estava vendida e o informava de todas as circumstancias.

Assim elle não ignorava a penuria em que viviam a mãe e a filha e as privações que supportavam.

Deixava-as padecer calculando com o tempo que devia vir em auxilio de suas intenções sinistras.

Marianno tinha concebido a ideia de seduzir Etelvina.

Tinha conhecimento da vida de perdição em que Leandro se engolfava, e pretendia tirar

todo o partido possível d'esse desconcerto do velho.

Etelvina desamparada por seu pae e flagellada pela molestia grave de sua mãe, estava á mercê de todos os seus planos de seducção.

Elle se encaminhava a surprehender a victima, andando com a maciesa e cuidado do gato.

Esperando o seu triumpho dos maiores padecimentos de Iduvirges e do desespero de Etelvina que amava extremamente sua mãe, se fazia senhor de todo o viver das duas senhoras.

Soube que faltava dieta a Iduvirges e apressou-se a facilita-la, recommendando á escrava que só por fingida traição dissesse, donde ella lhe provinha.

Etelvina não podia rejeitar o soccorro de Marianno sem privações de sua mãe, e pois accitou-o, simulando-se ignorante de sua origem, mas agradecendo dentro do coração a liberalidade de Marianno.

Tantas vezes porém se repetiram os donativos do dissimulado seductor, que Etelvina interrogada por sua mãe confessou-lhe a verdade.

---

Iduïrges, desconfiando das intenções de Marianno, e muito zelosa da honra de sua filha, prohibiu-lhe decididamente continuar a receber os seus auxilios, sujeitando-se a ficar privada d'elles, e a supportar o horror no seu destino.

Foi preciso que Eteïvina improvisasse historias explicativas dos soccorros que recebia, para que sua mãe, que já a custo se levantava do leito, os recebesse e aproveitasse.

Mas Eteïvina viu perfeitamente que não podia continuar a proceder assim, e que só de uma origem legitima e confessavel podia admitir a continuação de taes favores.

E pensando em sua mãe e entendendo que sómente de seu marido lhe era licito receber os donativos de Marianno, illudida pelas manifestações de amor que elle lhe prodigalizava, resolveu-se a conceder-lhe a mão de esposa, e dominada por esse pensamento, recommendou á escrava que dissesse a Marianno que lhe viesse fallar á noite, e a horas em que sua mãe costumava dormir.

E' claro que o seductor não faltou ao em-  
prazamento.

A's nove horas da noite, e obedecendo ás recommendações de Etelvina, elle entrou pé por pé na casa e foi sentar-se em uma cadeira que ella lhe apontou.

Sentando-se ao lado de Marianno, Etelvina disse-lhe em voz baixa :

— Minha mãe dorme e é preciso não a despertar.

— Sim, minha senhora.

— Mandei-o chamar, porque é indispensavel que nos entendamos.

— Estou prompto a ouvi-la e a servir a sua vontade.

— Senhor Marianno, só a desgraça em que me vejo abatida que me dá animo para fallar-lhe em um assumpto que entende com o meu pudor.

— Falle minha senhora, é um escravo que a escuta.

— O senhor tem-me dado tantas provas de affeição, que me auctorisa a perguntar-lhe com que intenções o tem feito. . .

— Com as mais puras, minha senhora.

— Então nesse caso deseja. . .



— Casar com a senhora, disse Marianno, procurando-lhe a mão que apertou.

Etelvina retirou a mão e perguntou-lhe :

— E quando?.. Minha mãe está a morrer, e portanto não se admire se eu tenho pressa de assegurar o meu estado.

— Se me fosse possível amanhã mesmo o faria, mas o arranjo dos meus negocios exige o prazo de seis mezes.

— Seis mezes!..

— Minha senhora, eu marquei o maximo da demora que poderá ter o meu casamento, mas eu adiantarei os meus negocios de modo que em quatro mezes, quando muito, elle se realise.

— Quatro mezes!. E minha mãe esperará tanto tempo?!..

— E' preciso ter esperanças, minha senhora.

Nesse momento Iduvirges accordou, accommettida de um accesso de tosse.

— Espere, disse Etelvina a Marianno, vou dar o remedio a minha mãe.

E sahiu da saleta, dirigindo-se ao quarto de Iduvirges.

Marianno ficou só e estava pensando na proposição que lhe fizera Etelvina, quando a escrava entrou na sala e apontando para uma porta fechada que havia no fundo, disse-lhe:

— Olhe, é ali que dorme nhânhá.

— Já sei, vae-te, respondeu Marianno.

A escrava retirou-se rindo-se, e pouco depois voltou Etelvina, que, tornando a assentar-se na cadeira que já occupára antes, disse:

— Quatro mezes é muito tempo ; minha mãe não pôde durar tanto, e eu me acho em afflicção indizível. No estado em que vejo a pobre senhora, nossas privações são muito dolorosas. Eu sei que a sua bondade tem feito bastante por minora-las, mas eu não posso continuar a utilizar-me dos seus favores, porque nos faltam títulos, ao senhor para os fazer e a mim para acceptá-los, tanto mais que esta é a vontade expressa de minha mãe.

— Todo o homem, minha senhora, tem o direito e o dever de soccorrer seus semelhantes que soffrem.

— Mas quando o homem soccorredor é solteiro e moço, e quando entre os seus seme-

lhantes soccorridos ha uma donzella em estado de casar, ha sempre logar para se suspeitar delle e della.

— Hanessejuizo exaggeração extraordinaria.

— Póde ser; este porém é o juizo de minha mãe, e eu não devo contraria-la.

— Desde porém que me proponho a casar com a senhora.

— E' um desejo que me lisongeia muito, mas que ainda não passa de um desejo.

— E se eu vier pedir amanhã a sua mão a sua digna mãe? . .

— Será perfeitamente bem recebido eu o creio, sem que isso mude a nossa posição, porque a espera de quatro mezes ou seis nos colloca em circumstancias ainda mais melindrosas.

— Apesar de toda a minha impaciencia não me é licito, minha senhora, abreviar mais esse prazo.

— Eu me conformo com a sua vontade e esperarei que elle passe.

— Mas leva a mal que eu venha amanhã apresentar-me á senhora sua mãe, como pretendente á sua mão, minha senhora?

---

— Póde vir.

Marianno tomou entre as suas a mão delicada de Etelvina e beijou-as respeitoso, e a um signal que esta lhe fez, levantou-se, despediu-se e sahio.

## XIII

### ○ PRETENDENTE

No outro dia logo de manhã Marianno apressou-se a ir fallar a Iduvirges, a quem encontrou peor dos seus padecimentos, e desculpando-se da sua visita, indicou-lhe o motivo d'ella.

Marianno já sabia da aggravação do mal da pobre senhora, mas por isso mesmo adeantava-se em apresentar-se; apurando seus calculos malvados.

Etelvina tentou debalde obstar ao pedido de sua mão em dia tão doloroso para ella; mas teve de ceder ás instancias de Marianno, que lhe expoz, como a sua pretensão poderia ser consoladora para a mãe, suspeitosa do seu proximo fim.

Além das reclamações de Marianno para ser ouvido por Iduvirges, o medico que acudira á doente, aconselhou que elle fosse admittido á presença desta, e que não adiasse a sua proposição.

Iduvirges, pois, recebendo Marianno e ouvindo o seu solemne pedido, mandou chamar a filha, e consultando-a, e certificada da sua acquiescencia, e respondeu a custo ao pretendente de sua filha, que podia contar com a sua approvação, cabendo-lhe obter a do pae de Etelvina, que havia muitos dias se achava ausente de casa.

Marianno obrigou-se a alcançar o assentimento de Leandro e despediu-se, beijando Etelvina na presença de sua mãe.

Podiam-se pois considerar noivos Marianno e Etelvina, e nessa condição aquelle se julgou auctorizado para enviar alguns auxilios de dieta a sua futura sogra, que Etelvina acceitou sem repugnancia e com gratidão.

Passaram-se alguns dias de mais ou menos cruel padecimento para Iduvirges, e de dôr dissimulada para Etelvina.

Marianno vinha ve-la todos os dias ; desculpava-se da falta de resposta de Leandro, pretextando te-lo procurado em vão, excepto em uma casa reprovada, onde fugia de entrar, e que era o unico logar em que lhe asseguravam que o encontraria.

Etelvina approvava o procedimento de Marianno e insistia com elle para que não fosse a casa de Voragem e comettia o erro de prestar-lhe attenção, conversando á janella ou admittindo-o na sua sala.

Mas tão respeitoso e pudico se mostrava Marianno que pouco a pouco ganhou toda a confiança de Etelvina, merecendo ser por ella recebido sem conhecimento de sua mãe, que aliás prudente e respeitosa lhe recommendára as maiores reservas com seu noivo.

Chegou enfim uma noite desoladora, em que Iduvirges teve uma hemoptyse assustadora que esteve a ponto de afoga-la em sangue.

Etelvina assustadissima mandou chamar o medico, que vindo em soccorro da doente, receitou e sahiu socegando a filha a respeito de

sua mãe, mas aconselhando que se chamasse com urgencia o marido.

A infeliz moça despachou primeiro a escrava para a pharmacia, que negou-se a mandar o remedio sem dinheiro, por isso que diversas receitas que se tinham já despachado, ainda não estavam pagas.

Etelvina não tinha em si dinheiro algum, e estava afflictissima por isso, quando lhe appareceu Marianno, que sciente do justo motivo de sua afflicção, tomou a receita e foi buscar o remedio, em quanto a escrava sahiu em procura de Leandro.

Marianno voltou depressa, trazendo a medicação receitada, que Etelvina foi applicar a sua mãe, emquanto elle se deixou na sala empenhado em não ser visto por Iduvirges.

A escrava voltou no fim de duas horas, declarando que não encontrára Leandro, que segundo lhe informaram sahiu em companhia de Voragem.

Era então meia noite: Iduvirges continuava a achar-se mal; a hemoptyse finha-se repetido



e a todo o momento se tornava possível vê-la morrer.

A escrava foi despedida pela segunda vez no encalço de Leandro, enquanto Marianno de novo dirigiu-se á botica, pedindo a repetição do remédio; e tornou acelerado, trazendo-o com o accrescimento de alguns conselhos dados pelo pharmaceutico.

A' chegada de Marianno, Iduvirges estava quasi expirante, mas passado algum tempo melhorou e adormeceu.

Etelvina vendo-a adormecida, deixou-se ficar no lugar onde se achava á cabeceira de sua mãe, e devorando as lagrimas para não fazer ruido algum, zelou o somno de Iduvirges, como quem zela a ultima e mais lisongeira esperança.

Estava n'esse posto ha duas horas, quando a escrava entrou, dizendo que Leandro não poderia vir senão no dia seguinte.

Etelvina impoz silencio á escrava, e cahindo de fadiga e de somno, recommendou-lhe em voz muito baixa que ficasse ao lado de sua mãe, e que apenas ella accordasse ou tivesse

alguma novidade a fosse chamar no seu quarto, e dirigiu-se para a sala, onde ainda encontrou Marianno cuidadoso e assentado.

Tendo tranquillizado o noivo, Etelvina mostrou-lhe desejos de ficar em liberdade.

— São tres horas da madrugada, respondeu Marianno, consultando o relógio, pouco falta para amanhecer, e eu folgaria muito de deixar-me aqui velando por sua mãe e pelo seu socego. Póde ir dormir em perfeito descanso, porque eu aqui fico, cuidando de ambas. Creio que tenho merecido a sua confiança, e que não me negará esta consolação.

— Confio muito no senhor, e vou prova-lo retirando-me para o meu quarto.

E Etelvina retirou-se para o seu quarto, cuja porta cerrou.

Mas o cuidado da mãe supposta moribunda não a deixou dormir e logo depois de deitada desatou a chorar.

Marianno ouvindo-lhe os soluços, e os ais sentidos que exhalava ergueu-se da cadeira, onde estava sentado, e atrevido penetrou na camara até então virginal.

---

Fingindo-se apiedado e muito commovido procurou consolar Etelvina, depois abraçou-a, depois beijou-a uma e muitas vezes.

E depois... Etelvina perdeu o direito de dizer-se pura.



## XIV

### A AMANTE

Desde essa madrugada sinistra, em que a dôr e a gratidão fizeram Etelvina perder a sua honra, ficou ella á mercê de Marianno, que abuzou sem compaixão da desgraçada.

Occupando-a sempre com a promessa do seu casamento, foi elle recebido noite por noite na caza das duas senhoras, e teve em seus braços Etelvina que não tinha nada mais para negar-lhe.

Iduvirges apresentára melhora passageira o que consolava sua filha, que aliás debalde esperou o pae por muitos dias, acabando por perder a ideia de tornar a ve-lo, e vivendo quasi sómente das liberalidades de Marianno ás occultas de sua mãe, que suppunha a filha

soccorrida por Leandro, persuasão em que Etelvina a deixára para poupa-la a maiores tormentos e occultar-lhe suas relações com Marianno.

Uma noite Etelvina perguntou a Marianno:

— Tem procurado meu pae?...

— Não.

— Quando o procura?

— Para quê?..

— Para tratar do nosso casamento.

— Pois já não está tratado?...

— Com minha mãe, sim, mas falta a approvação de meu pae, que ella reputa essencial.

— Seu pae não é encontrado, senão em uma casa, onde não quero entrar.

— Com boa vontade\* podia te-lo encontrado em outra parte.

— Tratarei de ve-lo amanhã.

No outro dia Etelvina insistiu no mesmo assumpto.

— Viu meu pae?...

— Não, foi-me impossivel descobri-lo.

— Mas é indispensavel.

— Indispensavel porquê?

— Porque é preciso assentar no nosso casamento.

— Temos tempo para isso.

— Eu não posso, nem devo esperar indefinidamente.

— Porquê?...

— Ainda o pergunta?... não lembra-o como estamos vivendo?...

— Eu vivo perfeitamente bem.

— O senhor eu o creio, mas eu?...

— E que tem a senhora?... falta-lhe alguma coisa?..

— Falta-me a honra, que depositei na sua palavra, e no seu compromisso...

— Lembra-me tudo isso e não o esquecerei jámais.

— No entanto é necessario tornar bem publico o nosso casamento; porque a minha reputação pode padecer, e talvez já soffra; porque é provavel que o vejam entrar aqui todas as noites.

— E que dirão?... que eu a amo; não farão descoberta extraordinaria, apenas dirão a verdade.

— Mas ha amar e amar, senhor; ha o amor legitimo e confessavel e o amor criminoso e que deslustra a mulher que o tem.

— Estás hoje impertinente, Etelevina!

— Não, o que estou é ajuizada. O senhor ficou de fallar a meu pãe sobre o nosso casamento.

— E lhe fallarei, está visto; hoje não pode ser, amanhã hei de fallar-lhe.

E no dia seguinte a mesma insistencia de Etelevina, e as mesmas evasivas de Marianuo.

— Isto não pode continuar assim, disse ella, eu me comprometto cada vez mais todos os dias.

— Todos ignoram que eu entro á noute na sua caza, e apenas se sabe que eu socorro sua mãe.

— Mas a explicação d'esse socorro com a minha existencia, e o meu abandono n'esta casa?...

— A explicação está na minha caridade; suppondo porém que não dêem essa explicação, outra não podem dar que fique mal áquella, que destino para ser minha esposa.



— Sua esposa.. e quando?.

— D'aqui a trez mêzes.

— No entanto o senhor se exime de fallar a meu pae.

— Se seu pae não é homem encontravel?...

— Com boa vontade já o teria encontrado, e lhe fallado a meu respeito.

— Pois ámanhã sem falta elle me ouvirá, e tudo se achará decidido entre nós.

Estas delongas prolongaram-se de modo que Etelvina desesperou, pretendendo fechar a porta de sua caza a Marianno.

Mas Iduvirges hia de mal a peor e Leandro desaparecera de todo de casa, onde tanto soffriam sua esposa e sua filha.

Etelvina quiz sahir em procura do pae, teve mesmo a ideia de ir fallar-lhe na casa de Voragem, mas sua mãe lh'o prohibiu sob pena de maldição.

Em taes apuros e precisando incessantemente de auxilios para a pobre doente, Etelvina sujeitou-se á sua negra sorte, e continuou a receber Marianno, a quem deixou de considerar seu noivo, e somente embora o tratasse como tal, o reputou seu simples amante.



## XV

### O VELHO PERVERTIDO

Em quanto se passavam estas tristes coisas na pobre casa das duas senhoras, o velho Leandro experimentava na de Voragem as consequencias da sua depravação.

Exgotada a sua riqueza e dispendido o fructo da casa que vendera, Leandro recorreu a empréstimos de quantias mais ou menos avultadas que o seu antigo credito e foi alimentando com elles o luxo e a prodigalidade de Voragem.

Insensivel e barbaro deixou no mais cruel desprezo a mulher e a filha, a quem foi vêr pela ultima vez no dia em que as privou das suas joias, que depositou em uma casa de pe-

---

nhores, levando o producto d'esse empenho a pagar vestidos novos para a sua amante.

Recebeu os avisos da aggravação da molestia de Iduvirges com a mais fria indifferença, desejando ter noticia da sua morte.

A lembrança da filha o perseguia dolorosamente, mas Voragem achava meios de consolá-lo e tanto mais que Leandro já a esse tempo se achava affeito a um vicio vergonhoso e esttragador.

Empenhada em conservar Leandro de todo preso a seus pés, e de zombar delle impunemente, recebendo amantes sempre que desejava fazê-lo, Voragem aos poucos levou o velho ao lamentavel costume da embriaguez de modo que nesse estado nem via o que perto de si se passava.

Era o mais commodo dos apaixonados que até então tivera Voragem, porque deitado Leandro e absorvido no somno da embriaguez, ella, a seu lado, ou quasi á seu lado, disfructava nos braços de outros prazeres que elle não lhe podia dar.

Ah! se Arthur testemunhasse essas scenas de luxuria depravada, como não rir-se-ia do

---

velho atrevido que na ceia fatal tanto zombára d'elle cahido no abatimento da pobreza.

Mas esse estado de degradação e de miseria não podia continuar por muito tempo.

Chegou um dia em que Leandro, debalde o quiz, não pode contrahir mais empréstimos e em que lhe foi preciso viver a expensas da amante.

Voragem não comprehendia essa vida em seus apaixonados e pois significou a Leandro que era chegada a hora de despedir-se d'ella e de recolher-se ao seio de sua familia ; o velho porém lançou-lhe em rosto a sua inaudita ingratição e protestou que não lhe deixaria a casa, senão obrigado por força maior.

Voragem que já tinha á mão outro amante, um mancebo rico que se condemnava á vida de perdição e de martyrios, provada por tantos outros, irritou-se com a declaração de Leandro, mas cautelosa e prudente resolveu-se a expelli-lo pelo desespero.

Tomada esta resolução ella lhe declarou que já tinha outro homem de sua escolha para ama-la e trata-la, e que nessa mesma noite elle deveria vir passa-la á seu lado.

Leandro ouviu a positiva declaração de Voragem e ainda assim deixou-se ficar submisso e como aterrado.

Era facil explicar a causa da submissão e do terror de Leandro. Elle não possuia mais um real de seu, e envergonhado e corrido negava-se a recolher-se ao seio da familia que lançara na mais completa penuria.

Chegada a noite Voragem mandou estender uma enxerga na sala e ahi fazer uma cama que Leandro, meio embriagado, acceitou sem pudor, para soffrer muito mais d'ahi a pouco.

Com effeito uma hora depois a creada veio annunciar o senhor Frederico e Voragem, desenvolta e sem comiserção, disse em voz alta:

— E' elle, é o meu amante, Leandro, vae conduzi-lo para o meu quarto.

O velho desobedeceu e resistiu; mas bem depressa viu o mancebo conduzido pela creada entrar no quarto da moça sem brio, e pouco depois ouviu os indicios da sua libertinagem.

Pareceram descansar por momentos e a voz do mancebo se desprendeu, perguntando:

— Quem é um sujeito que dorme estirado em um colchão ahi na sala? . .

— E' um creado que tenho ao meu serviço e que você conhece bem.

— Pois quem é?

— O meu apaixonado em desprezo por sua causa, é o velho Leandro Pereira.

— Como, elle se conserva ainda aqui? . . .

— E' uma historia que logo lhe contarei. Agora temos mais que fazer.

E inundou de beijos Frederico, que só se retirou ao romper da aurora.

Ao som da porta que se fechava, sahindo Frederico, Leandro levantou-se e foi ajoelhar-se no quarto junto de Voragem, cujos pés abraçou e beijou.

— Estou muito satisfeita, disse-lhe ella empurrando-lhe o rosto com os pés; um velho repugnante e ruim não pôde tomar o posto largado pelo mais elegante e sympathico mancebo.

E de novo repelliu com força Leandro que sahiu do quarto em vivissima contrariedade.





## XVI

### A PROPHECIA DE ARTHUR

Um dia depois houve ceia no hotel de... dada por Voragem a seus amigos e companheiras de alegria e de prevaricação.

O salão estava cheio de convidados, cada qual mais contente e folgazão; no topo da mesa viam-se Frederico e Voragem a presidir á ceia, e a dar o tom á assembleia.

Não faltava nada á companhia, nem um histrião.

Leandro tinha acompanhado Voragem antes como um laçao, do que como convidado para a festa.

Inconscio e privado do livre arbitrio, Leandro andava de um para o outro lado, servindo

aos convivas de vinhos e manjares que elles recebiam, como de um creado do hotel.

E Voragem que se engolphava no prazer da festa, animando Frederico, que aliás não precisava de animação para imita-la e excita-la ainda mais.

Leandro reduzido ao seu papel de servidor dos convidados, aproveitando-o para ir esva-siando copos de vinho, nem se lembrava do que se passára um anno antes n'aquelle mesmo salão e de todo esquecera a prophécia sahida dos labios de Arthur.

Se elle tivesse ideia do papel que alli estava representando e das palavras com que Arthur respondia ás suas injuriosas provocações se recordaria por certo que elle lhe dissera em tom prophetico :

«Aqui mesmo e dentro em breve serei vingado dos ultrages e insultos, com que o sr. Leandro me provoca; aqui mesmo e dentro em breve elle será o alvo do escarneo d'essa mulher devassa e desenfreada que me condemna a soffrer tanto; elle supportará os martyrios que supporto e talvez maiores ainda.»

A prophécia do infeliz Arthur estava realisa-  
sada. Leandro era alvo e victima do escarneo  
da mulher disfarçada que tinha urdido e feito  
a desgraça de ambos, e elle, se tivesse con-  
sciencia da sua degradação, estaria provando  
martyrios que Arthur não experimentara.

Mas a prophécia estava esquecida por Lean-  
dro, e elle empobrecido, sem recursos, e sem  
um vintem de seu consolava-se com os restos  
dos manjares, que sobravam aos convivas, e  
com os copos de vinho que hia bebendo.

No adiantar-se a ceia, e quando já os vapo-  
res alcoolicos esquentavam algumas cabeças,  
um dos convidados exclamou:

— Reparo agora que me serve como creado  
do hotel um homem, que aqui mesmo nos ban-  
queteou por vezes; que metamorphose foi  
esta?... precisamos de explicação!...

— A explicação é simples: Leandro não  
está mais em condições de banquetear-nos, e  
succedido junto de mim pelo sr. Frederico se  
sujeita a servi-lo como creado por isso que  
perdeu o direito de ser amo de quem quer que  
seja, e portanto viva o nosso creado!

E Voragem levou aos labios e esgotou a sua taça de champagne.

— Eu ainda espero que o sr. Leandro proteste contra semelhante explicação.

Voragem olhou para Leandro, e lendo-lhe no rosto os signaes de embriaguez, chamou-o para junto d'ella, e dando-lhe uma taça de champagne que encheu, disse-lhe:

— Bebe á' saude do meu novo amante, o sr. Frederico, a quem serves como creado!

Leandro, recebendo a taça, repetiu maquinalmente as palavras que Voragem tinha dito, e bebeu de um trago.

— Estão vendo?! elle se acha de perfeito accordo commigo.

— E' que o pobre coitado não está em estado de deliberar.

— E eu protesto por elle, accudiu um outro dos convidados, é uma injustiça revoltante condemnar a taes tormentos um infeliz amante despresado!

— Pois livrem-me d'elle, que lhes agradeerei muito o favor.

È Voragem referiu então em poucas palavras a despedida formal que dera a Leandro, e a insistência com que elle teimára em ficar-lhe em casa.

— Em tal caso devemos declarar-nos em soccorro da nossa amiga banqueteadora !

— Em soccorro, mas como? . . .

— Espantando de sua casa o teimoso hospede.

— De que modo, se elle se não espanta ?

— Pois esse homem não tinha familia ? Não tem casa propria ? . . .

— Familia e casa elle tem, mas abandonou uma e outra desde que se ligou a mim.

— Hoje porèm está desligado e é indispensavel que volte á sua familia e á sua casa.

— E' uma obra de caridade que faremos, disse um dos convivas que mais alcóolisado se achava ; proponho que vamos conduzi-lo ao seu *ubi* legitimo. Ninguem nos pôde levar a mal semelhante acção !.

E enchendo a sua taça de champagne, exclamou :

— Aos que concordarem comigo !

Quasi todos beberam.

— Que dizes a isto Claudina? perguntou Frederico.

— Eu digo que a ideia sahiu do fundo de uma taça de champagne e portanto é boa.

— Está approvada a proposta, tornou Frederico erguendo-se.

— Acabemos primeiramente de cear, acudiu o proponente.

— A ceia está terminada, vamos.

— Mas onde é a casa de Leandro; elle não está em estado de acertar com ella.

— E' á rua de . . . , n.º . .

— Vamos pois! De que consta sua familia? . . .

— De mulher e filha.

— Vão ambas ficar-nos muito obrigadas; por consequencia partamos!

— Uma taça de champagne mais antes de nos pôrmos a caminho, disse uma das amigas de Voragem.

— Venha mais champagne! . . . Mais champagne!. gritaram algumas vozes.

---

Abriu-se o champagne e encheram-se os copos.

— Um copo de champagne para o senhor Leandro que vae ser o heroe do passeio que daremos.

Leandro estava sentado e indifferente a tudo quanto se passava e dizia, mas estendeu o braço e acceitou o copo de champagne que esvasiou, bebendo-o com ardor.

Levantaram-se todos e dois dos mais robustos convivas tomando pelos braços Leandro, sahiram do hotel acompanhados de toda a alegre e um pouco estrepitosa companhia.





## XVII

### A MEIA NOITE

Era meia noite.

Leandro que não podia ter-se em pé, foi levado aos empuchões no meio de vozerias e de motejos.

Elle ria-se tambem com os outros da companhia sem saber de que e porque ria-se, até que approximando-se da casa onde moravam sua esposa e sua filha hesitou e esforçou-se para resistir, mas estava preso pelos braços e foi levado á força até á porta.

Ahi chegados os desalmados começaram a bater fortemente ; como porém não accudisse alguém a abrir a porta, fizeram de Leandro uma especie de ariete e principiaram a bater com o seu corpo como para arromba-la.

No entanto fallavam, dizendo em altas vozes :

— Aqui trazemos o senhor Leandro para restitui-lo a sua mulher e a sua filha ! . . .

— Abram, clamavam outros ; nós conduzi-mos um quilombola, que volta para a casa de sua senhora.

— Abram ! abram a porta, ou deitamo-la abaixo !

— E' o sr. Leandro que quer entrar ! abram a porta !

Leandro contundido pelos baques que recebia atirado contra a porta, gritou emfim desesperado :

— Abram ! abram ! . . .

A' sua voz abalada e dolorosa a escrava, que viera ver donde provinha aquelle alarido, abriu emfim a porta.

Penetraram na salla os furiosos, soltando gritos de victoria, e arrastando comsigo o miseravel Leandro, que foi arrojado sobre uma cadeira.

Aturdida pela voseria que se levantava em frente da sua caza e temendo por sua filha que

dormia no quarto da salla, Iduvirges levantou-se a custo, e em camisa, como estava, dirigiu-se para a saleta que encontrou já cheia de gente, que recuou áquella apparição.

Iduvirges lançou os olhos sobre toda aquella gente, e vendo Leandro atirado sobre a cadeira, e comprehendendo logo o seu estado, cuidadosa e deligente abriu a porta do quarto e foi ver a filha.

Mas quasi logo soltou um grito de horror, e sahindo do quarto, escancarou a porta, do quarto donde sahiram immediatamente Etelvina e Marianno.

Iduvirges em violenta exasperação avançou para Leandro, e mostrando-lhe a filha deshonorada, exclamou :

— Miseravel! eis ahí a tua obra!...

E cahiu de redondo no chão, lançando golphadas de sangue.

Estava morta.

Accudiram-na : levantaram apenas um corpo inerte.



## CONCLUSÃO

No dia seguinte ao mesmo tempo que o cadaver de Iduvirges era conduzido para o cemiterio, levavam tambem Leandro para o hospicio dos alienados, pois que enlouquecera.

Etelvina ficou só no mundo, amparada ainda por Marianno que em breve a deixaria em despreso.

E Voragem gosa o seu Frederico, disposta a mudar de amante, quando elle empobrecer, ou por sua felicidade acertar com outra affeição menos desventurada.



PAMPHILIO





## I

### A CHEGADA DA CORTE

No dia 16 de dezembro de 1870 parou um cabriolet na estação da Venda das Pedras da estrada de ferro de Nictheroy e logo após um cavalleiro galhardamente montado que entrou para dentro da estação, em quanto o boleeiro segurava os animaes de tiro.

O cavalleiro era um homem de cincoenta e tantos annos, magro, mas vigoroso e conhecido pelo chefe da estação, que o cumprimentou, dizendo-lhe :

— Senhor capitão Pamphilio, como vae de saude?... sempre bem, está-se vendo.

O cavalleiro era capitão da guarda nacional, e gostava muito de que o tratassem pelo seu posto.

Respondeu logo ao estacionario.

— Bom para lhe servir e sempre vendendo saude, como me vê; mas o trem ha de tardar muito a chegar?

— Mais ou menos meia hora e estará com-nosco. Vem esperar alguém?

— Espero D. Clotilde e sua sobrinha D. Francisca que devem chegar hoje da cidade.

— Pois não tardará a abraça-las; escute, o trem dá signal da sua approximação.

Pamphilio estendeu o ouvido, e apreciou perfeitamente o assobio indicador da proxima chegada do trem, e voltando-se para o boleeiro, perguntou-lhe:

— Já chegaram os cargueiros?

— Já sim senhor, e estão promptos.

— Bem, não quero demora para a volta á fazenda.

No entanto approximava-se o trem, e era notavel certa anciedade de Pamphilio, que se adeantou para a plata-forma.

O carro de ferro finalmente chegou, e parando na estação, desceram d'elle alguns pas-

---

sageiros e notavelmente duas senhoras que se apeiaram ajudadas por Pamphilio.

Uma das duas senhoras teria perto de quarenta annos, e um pouco corpulenta; a outra, menina de desesseis annos, era bella como a primavera, e toda flores no seu parecer.

Dando a mão ás duas senhoras, Pamphilio mostrou-se muito mais occupado da segunda, a quem apertou a mão tão significativamente que a moça corou e pareceu contrariada.

Logo em seguida Pamphilio despachou as cargas que as senhoras tinham trazido, e entregando-as aos cargueiros, disse a ellas que tudo estava prompto e que podiam partir.

As senhoras embarcaram no cabriolet, e se algum observador tivesse querido reparar, notaria que a menina negava-se a dar a mão a Pamphilio ao subir para o cabriolet, o que motivou reparo da senhora mais velha, que pareceu admoestar á outra que fez um momo de desagrado, em quanto Pamphilio montava quasi de um salto em seu cavallo, e tocou-o a andar a par do cabriolet, fazendo-o saltar valles e pinotear, como se um moço travesso o cavalgasse.

Em caminho anouteceu, mas havia claro luar e a estrada era boa. Todos os passageiros que se encontravam eram conhecidos de Pamphilio e o cumprimentavam pelo titulo do seu posto da guarda nacional.

— Adeus, senhor capitão!

— Adeus, capitão!

Ao que elle respondia sem cerimonia:

— Adeus, senhor Baptista!

— Adeus, Rodrigo!

E assim outros que se encontravam.

O cabriolet hia sempre seguindo até que entrou no campo de uma fazenda, á porta de cuja caza foi parar, apeiando-se as senhoras ajudadas por Pamphilio que de novo apertou a mão da menina, que a retirou logo impaciente.

— Suba meu tio, disse a senhora de mais idade, subindo a pequena escada que havia em um alpendre na frontaria da caza.

— Não Clotilde, eu sigo para o meu sitio, já as trouxe para caza, e agora até amanhã!

— De modo nenhum meu tio, fique para jantar comnosco.

— Jantar! desde a uma hora da tarde que estou jantado, e são oito da noite; só se me convida para cear.

— Pois bem, nós jantaremos, e o senhor ceará.

— Convenho nisso e por tanto subo. Dorotheo! toma cuidado no meu cavallo.

Um preto, a quem Pamphilio se dirigira, tomou conta do cavallo, em quanto este subiu para a caza.

O jantar foi succulento e variado, e Pamphilio fez honra a elle como se não tivesse jantado, interrompendo-se apenas ás vezes para olhar ternamente para a menina, que aliás se conservava séria e calma.

— Henriqueta, reparo que não comes nada. Porventura já jantaste?..

— Não titio; mas tenho comido bastante agora.

— Se tomasses o meu exemplo, como tua mãe, te alimentarias melhor; tu comes como um passarinho.

— Tenho tido tempo para admirar o seu appetite, titio.

— Segue-se que tens olhado para mim; fico-te muito agradecido.

— Eu sempre olho para titio e com bons olhos.

Pamphilio enterneceu-se todo ao ouvir este cumprimento da menina e começou a atirar sobre ella bolinhas de pão que preparava entre os dedos.

Clotilde ria-se, vendo o ardor do tio e a paciencia da filha em supporta-lo.

— Não me atire ballas assim, titio; olhe que com uma é capaz de offender-me.

— Capaz de offender-te, eu minha bella menina? Antes eu cahisse do cavallo de volta para o sitio.

— Não se lembre de tal meu tio, disse Clotilde; nós temos perfeita confiança na sua mes-trança em montaria de cavallo, e além disso precisamos ainda muito dos seus auxilios.

Nesta conversação passaram cerca de duas horas, Pamphilio e as senhoras, até que elle lembrando a fadiga da viagem e a sua justissima condescendencia, levantou-se da mesa, dizendo :

— Vocês devem estar cansadas, e eu tenho abusado muito da sua tolerancia. E' tempo de retirar-me; amanhã voltarei a ve-las. Boa noite.

— Boa noite, meu tio, disse Clotilde, apertando amigavelmente a mão que lhe offereceu Pamphilio.

— Boa noite titio, disse Henriqueta, negando-se todavia a dar a mão a Pamphilio, que lh'a pedia com a sua estendida.

— Dá a mão a teu tio, menina!

Henriqueta deu a mão um pouco de mau modo, e logo a retirou, deixando ouvir um *ai* abafado.

— Que é isso, menina? . . .

— E' que titio me aperta demasiado a mão.

Clotilde não fez observação alguma e Pamphilio, um pouco desapontado, sahiu e indo tomar o seu cavallo retirou-se para o sitio.





## II

### PAMPHILIO

Pamphilio era um homem geralmente estimado e merecedor da maior estima.

Eram numerosas as suas virtudes. Bom e caridoso, sua casa era um recurso da pobreza. Amigo dedicado e honesto, parente prestimoso e solícito, nunca um amigo ou um parente bateu á sua porta que a achasse fechada. Homem de honra e de probidade, jámais se sentira falha ou quebra em sua palavra. Generoso e cheio de abnegação seria capaz de expôr a sua vida para salvar a de um inimigo, se inimigos tivesse!

Contavam-se d'elle feitos que fariam o pomposo elogio do mais preclaro cavalleiro.

---

Assim um dia atirara-se em um rio engrossado pelas chuvas e impetuoso, para salvar um pobre escravo negro que estava prestes a afogar-se, salvara-o e pagara os agradecimentos, que o misero lhe dirigia, levando-o a uma venda proxima e mandando dar-lhe aguardente.

Uma vez ouvindo gritos angustiosos perto do seu sitio, sahiu sô de casa, e avançando para o logar d'onde partiam os gritos, viu uma victima debatendo-se nos braços de dois sicarios, e com o seu immediato soccorro, arrancou o desgraçado á furia dos malvados e o conduziu á sua habitação onde lhe prodigalisou todos os cuidados.

Eram sem conta as historias de suas benéfencias e favores aos desvalidos, e não havia um acto unico em sua vida que depozesse contra a sua vida, e contra elle.

Mas um homem de tantas virtudes não podia escapar a senões. Tinha duas fraquezas, aliás muito perdoaveis.

A primeira era o seu pendor para as senhoras ainda jovens, a segunda era o seu amor ao posto de capitão da guarda nacional.

---

A primeira fraqueza pagava elle caro na sua idade de cincoenta e tantos annos, sendo objecto da zombaria de quantas moças recebiam os seus protestos de amor.

A segunda não fazia mal a pessoa alguma, nem a elle proprio que, muito satisfeito com o seu posto e com o tratamento de capitão que lhe davam, nem cuidava nem pensava em obter posto mais elevado, e contentava-se perfeitamente com o ser capitão.

Mas assim tão amante de moças bonitas, era notavel que até além dos cincoenta annos não se tivesse casado.

Diziam que elle tinha predilecção pela familia, e que fôra durante annos apaixonado de sua sobrinha Clotilde; curara-o d'essa paixão o casamento d'esta, e por ultimo estava perdidamente enamorado de Henriqueta, tambem sua sobrinha, e filha de Clotilde, viuva desde dois annos.

Os namoros de Pamphilio não prejudicavam moça alguma, porque elle contentava-se com apertar-lhe as mãos, e quando tinha occasião com pizar-lhe os pés e dizer-lhe finezas.

---

Henriqueta era a victima escolhida dos seus extremos e ternuras ha cerca de um anno, e se Clotilde o attendesse já se teria cazado com ella.

Mas Henriqueta era cruel e negava-lhe a mão sempre que podia, sentava-se de ordinario arredado d'elle para que não lhe magoasse os pés, e não attendia aos seus elogios e cumprimentos.

Pamphilio tinha contra si junto das moças a fama de ser namorado de todas ellas e Henriqueta mais do que qualquer outra o ridicularisava por isso.

Entretanto Pamphilio amava deveras a Henriqueta e por ella faria todos os sacrificios imaginaveis.

Desde um anno sempre que as duas senhoras saham a passeio ou a visitar alguma familia visinha, o tio Pamphilio era pessoa-gem obrigada a acompanha-las, e não havia cuidados nem solicitude que elle poupasse no empenho de servir as senhoras.

Corria entre alguns a noticia do cazamento de Henriqueta e de Pamphilio, que a deixava

correr, negando ceremoniosamente que houvesse alguma cousa assentada a respeito.

— Ora por fim caza-se o capitão Pamphilio! diziam uns.

— Duvido muito, respondiam outros, o capitão é incuravel.

— Mas porquê? . . .

— Porque não há moça alguma que 'o queira.

— E' a sobrinha? a D. Henriqueta? . . .

— Essa ainda menos, menina educada na cidade, não quererá por certo ligar-se a um roceirão, como o capitão Pamphilio.

— Mas o capitão é um bom partido, o seu sitio vale bem uma soffrivel fazenda; possui mais de cincoenta escravos, e se não fosse tão esmoler, e beneficente teria muito dinheiro de parte.

— Ainda assim, duvido muito d'esse casamento.

— Pois veremos.

— Veremos.

E assim punham em duvida a felicidade almejada por Pamphilio.

No entanto Pamphilio não deixava a caza de Clotilde, visitava-a todos os dias e a cada dia que passava, accendia-se ainda mais o seu amor por Henriqueta.

Notavam que elle já não frequentava como d'antes as familias vizinhas, onde havia moças bonitas, e esse facto augmentava as probabilidades do seu casamento com a sobrinha.

Henriqueta soffria pacientemente as demonstrações de ternura de seu tio sem comtudo corresponder a ellas; perguntava-lhe com frequencia pela saude e estado de outras jovens interessantes, e aconselhava-o um pouco cruelmente, que tratasse de casar-se com alguma d'ellas.

Uma vez Pamphilio cansado de ouvir-lhe taes conselhos, e achando-se a sós com ella, perguntou-lhe:

— Porque trata tanto das outras e não se occupa de si?...

— Porque eu ainda não tenho desejos de cazar-me.

— Pois é preciso te-los.

— Para quê?...

— Para fazer a felicidade de seu tio.

— De vossa mercê, titio?.. deveras pôz os olhos em mim?.

— Os olhos e o coração, menina.

— Titio, ouvi dizer que antes de minha mãe cazar-se, vossa mercê pensou muito também n'ella.

— Isso foi no outro tempo.. Inspiração da mocidade que passou e morreu; hoje é outra coisa; é com amor serio e invencivel que me prende a seus pés, menina.

— Mas eu tenho duas razões para não aceita-lo; primeiramente nunca seria esposa de um homem que pretendeu cazar com minha mãe, e em segundo lugar a differença de nossas edades, titio..

— Que tem isso?.. ha dezoito annos que me deixou completamente a ideia de cazar com tua mãe, e quanto a differença de edades, eu sou robusto e forte, como um rapaz de dezoito annos.

Henriqueta encolheu e levantou um pouco os hombros, como quem teimasse no seu proposito e felizmente para ella, chegou nesse momento Clotilde que poz fim á conversação dos dois.





### III

#### HOSPEDES

O desengano dado por Henriqueta não desanimou Pamphilio, que depositava suas esperanças em Clotilde, e contava muito com a condescendencia daquella.

Mas veio uma noticia perturba-lo e enche-lo de apprehensões; soube que Clotilde esperava hospedes da côrte, e que a festa do Natal se passaria em folgança na fazenda do Recreio.

Ora Pamphilio não se aprazia de reuniões e de festas naquella fazenda: desejava Henriqueta em completa solidão e no retiro, porque assim contava melhor obriga-la a desposa-lo.

Suas apprehensões tinham um fundamento muito mais solido do que talvez elle pensasse.

---

Informando-se sobre as pessoas que estavam a chegar da côrte, soube que eram duas famílias da amisadé de Clotilde, e que uma d'ellas trazia comsigo um primo, moço, solteiro e recentemente formado em medicina.

Pamphilio embirrou com a vinda d'esse joven, o dr. Octávio; de quem Henriqueta lhe fallou com elogio.

Mas que remedio tinha Pamphilio, senão tolerar os visitantes de Clotilde e o dr. Octávio?

Todavia os seus receios por amor de Henriqueta foram taes que elle tomou uma resolução definitiva, e na vespera da chegada dos hospedes apresentou-se na fazenda do Recreio e pedindo uma conferencia particular a Clotilde, pediu-lhe solememente a mão de Henriqueta.

Ouvindo-o com a maior attenção, Clotilde lhe respondeu que por si não tinha duvida alguma em approvar tal casamento, mas que elle se lembrasse de que contava já cincoenta e cinco annos, que sua filha tinha apenas deses-

seis, e que ella a não obrigaria a casar-se com alguém.

— Mas eu não sou alguém, disse-lhe Pamphilio e Henriqueta é uma creança que deve sujeitar-se á vontade de sua mãe.

— Está bem meu tio, eu fallarei a Henriqueta.

— Fallar-lhe é o menos, obrigar-a a ouvir a razão é o essencial.

— O que eu posso prometter-lhe é interessar-me sinceramente pela sua pretensão.

— E quando ?

— Hoje mesmo. Eu poderia e posso chamar minha filha já para que vossa mercê leve uma resposta decisiva ; receio porém que a respôsta de Henriqueta não lhe seja lisongeira e prefiro fallar-lhe a sós. Já lhe prometti que tomarei interesse em apoiar os seus desejos.

Pamphilio que desconfiava dos sentimentos de Henriqueta a seu respeito, achou rasoavel o que lhe dissera Clotilde e retirou-se, ficando de voltar á noite para receber a decisão.

Ora Henriqueta tinha ouvido ás escondidas a conversação de sua mãe com o tio, e apenas

este sahio, apresentou-se a Clotilde dizendo-lhe :

— Minha mãe, é inutil empregar meios para convencer-me de que devo desposar o tio Pamphilio ; prefiro ficar solteira toda a minha vida.

— Mas, minha filha, casada com teu tio, ficarias morando no sitio d'elle e portanto não nos separariamos de todo e poderiamos ver-nos todos os dias.

— Em tal caso, não me casando, seria muito melhor, porque não me separaria de minha mãe nem um só momento.

— Desconfio que tenhas outro motivo para rejeitar teu tio.

— Que motivo, mamã ?

— Que tenhas já compromettido o teu coração, menina !

Henriqueta fez-se toda vermelha, e não respondeu.

— Portanto acertei, disse-lhe Clotilde.

A filha não respondeu.

— Mas, minha filha, deves lembrar-te de que teu tio é um homem rico, e que amando-te ex-

---

tremosamente, gozarás em sua companhia de todas as felicidades e com ellas nos tornarás felizes tambem.

— Já o disse mamã, prefiro ficar solteira toda a minha vida.

— Ninguém pensa em obrigar-te a casar; eu insto a favor de teu tio, pela certeza que tenho de que elle nos aditará a todos.

— Eu estimo muito meu tio, julgo-o o melhor dos homens, mas não o quero porém para meu marido.

— Isso é positivo?

— E' mamã.

— Pois bem, recommendo-te que trates bem teu tio, se é possível melhor, do que até hoje, porque elle acaba de dar uma prova irrefragavel de grande estima por ti e merece algumas consolações da tua parte.

— Sem duvida, mamã, eu tratarei o melhor possível meu tio, comtanto que elle não me aperte demasiado as mãos e que não me magoe os pés á força de piza-los.

— Conto com o teu juizo, minha filha.

---

Na noite d'esse dia Pamphilio recebeu de Clotilde uma resposta evasiva, que realmente não lhe deixava esperança alguma, mas que elle recebeu como promissora de doces esperanças, tanto mais que nessa noite Henriqueta sorriu-lhe mais agradavel do que nunca, e deixou-o beijar-lhe a mão, encantado favor que não estava habituado a merecer.

No dia seguinte á noite chegaram os hospedes esperados, que foram recebidos perfeitamente por Clotilde e por Pamphilio presente á sua chegada, e por Henriqueta obsequiosa e alegre, que afagou a todas as senhoras, teve agrados distinctos para os cavalheiros, e um pouco peados, mas evidentemente ternos para o dr. Octavio.

Serviu-se d'ahi a pouco o jantar que foi profuso e delicado. Pamphilio sentou-se á meza entre uma das senhoras recémchegadas, e Henriqueta, e esta, em quanto recebia por baixo da meza signaes do seu amor, não tinha olhos, nem cuidados senão para o dr. Octavio.

Pamphilio satisfeito da perfeita tolerancia, com que Henriqueta lhe abandonára um dos

---

seus delicados pés, sahio do jantar e da meza muito alegre e cada vez mais consolado e cheio de esperanças do proximo resultado da sua pretensão.





## IV

### PASSATEMPOS

Desde o dia seguinte começaram os entretenimentos na fazenda do Recreio.

Os homens sahiram quasi todos a passarinhar pelo campo da fazenda. As senhoras ajudadas por Pamphilio, por Marianno, e por dois cavalheiros que se tinham deixado ficar em casa divertiram-se a conversar e a fazer projectos de passeios pelas circumvisinhanças.

— E' o tio Pamphilio quem se deve incumbir de dispôr os nossos passeios e visitas pelas fazendas visinhas, disse Clotilde.

— Sim; titio conhece e aprecia justamente todas as moças bonitas das circumvisinhanças; elle nos levará a visitar e applaudir todas as suas camaradas, accrescentou Henriqueta.

— O sr. Pamphilio é então amante das moças bonitas? . . . perguntou uma joven alegre e faceira.

— Muito, D. Jesuina, e sou capaz de apostar que de hontem para hoje já se apaixonou pela senhora.

— Não é tanto assim, respondeu Pamphilio.

— Não é tanto assim, titio? . . . poderá negar que D. Jesuina lhe cauza desde hontem a mais agradável impressão? . . .

— A sr.<sup>a</sup> D. Jesuina é na verdade formosa, e produziu em mim a mais suave impressão, respondeu o velho namorado.

— Eu não disse? . . . exclamou Henriqueta.

— Pois eu não lhe fico em dívida, disse Jesuina, porque o sr. Pamphilio desde hontem que me merece a maior estima e a mais distincta attenção.

— Isto dito por uma moça bonita e solteira a um homem, que não é casado e que deseja se-lo, é para perturbar-lhe o socego, e fazer-lhe nutrir ideias ternas.

— Por mais linda que seja D. Jesuina, tu bem sabes, sobrinha, que não posso tributar-lhe, senão respeito e admiração.

---

— Obrigada, sr. Pamphilio, e já é muito para mim obter tanto do senhor.

As senhoras principiaram a rir, e Pamphilio desfez-se em cumprimentos a D. Jesuina, olhando ao mesmo tempo para Henriqueta.

— Adivinha-se que achei já uma rival encastellada no coração do sr. Pamphilio e eu respeito muito os direitos adquiridos.

— Uma rival?... e quem é?... perguntou uma das senhoras.

— Se é segredo, os olhos do sr. Pamphilio o descobrem constantemente; como bom tio e homem do melhor gosto, elle gostá muito de sua sobrinha, e tem razão.

Puzeram-se todos a metter á bulha Henriqueta com o amor de Pamphilio, que muito gostoso do que diziam, não negava, nem protestava.

No entanto chegaram os caçadores que foram recebidos com satisfação geral e com graçeas proprias da occasião.

— Que mataram?... perguntou Marianno.

— Eu estou prompta a assar no dedo a caçada! observou uma das senhoras.

— Acertamos com uma boa duzia de *bicos rasteiros* que nos fizeram gastar polvora e chumbo inutilmente. Escaparam-nos todos.

— Caçadores da cidade! exclamou Pamphilio, eu não gasto chumbo em '*bicos rasteiros*, não atiro senão em pacas e veados, mas protesto que não me escaparia um *bico rasteiro*, no qual atirasse.

— E o sr. dr. Octavio?.. que matou meu primo? perguntou Jesuina.

— Duas pombinhas rolas que destino para o seu jantar, prima.

E o dr. Octavio apresentou as duas pobres rolinhas mortas, que Jesuina recebeu.

— Coitadinhas!.. diz ella; fazem-me pena.

— E uma d'ellas traz ainda uma palhinha no bico, sem duvida levava-a para fazer o ninho; pobre rolinha! observou Henriqueta.

— Protesto que não atiro mais em pombas rolas, estou bem castigado! disse o dr. Octavio.

Ouviu-se n'esse momento o assobio indicador de um *bico rasteiro* que passava.

— Eis ahí os *bicos rasteiros*; vêm do rio até aqui zombar dos seus perseguidores impotentes, disse Pamphilio correndo á porta.

Com effeito um *bico rasteiro* que parecia procurar a morte, passou voando aos olhos dos caçadores.

— Veio com effeito insultar-nos, bradou um dos caçadores; se elle porém voltar está morto!

E preparou e armou a espingarda, que já tinha deposto e sahiu para o terreiro da fazenda.

Os outros caçadores o seguiram armados, como elle, e tambem Pamphilio que tomou de emprestimo a espingarda do dr. Octavio.

E o infeliz *bico rasteiro* voltou, assobiando, como por zombaria.

— Mórre! gritou o caçador atirando, mas inutilmente, porque o *bico rasteiro* continuou a voar incolume!

Os outros caçadores fizeram fogo tão improficuamente, porém, como o primeiro.

— Agora eu! exclamou Pamphilio, já vae longe mas ha de cahir.

---

E fez fogo e o mizero *bico rasteiro* cahiu ferido de morte.

— Eu não disse que os senhores eram caçadores da cidade? ahi está o *bico rasteiro* morto.

E recolheu-se a caza, em quanto um dos caçadores foi apanhar e trouxe para dentro o *bico rasteiro* sem vida.

A destreza de Pamphilio foi applaudida por todos e especialmente pelas senhoras, ao que elle disse :

— Dizem que esses passarinhos são saborosos; se as senhoras pensam assim, amanhã de manhã lhes trarei, pelo menos, uma duzia d'elles.

Algumas senhoras acceitaram o offerecimento que, seja dito de passagem, Pamphilio desempenhou no dia seguinte com apurada consciencia, trazendo-lhes com effeito uma duzia de *bicos rasteiros*.

## V

### UM PASSEIO

O dia seguinte foi destinado para um passeio e visita a uma familia visinha.

A' tarde embarcaram-se duas senhoras no cabriolet e as outras foram a cavallo acompanhadas por cavalleiros.

Pamphilio era obrigadamente da companhia e durante a curta viagem esforçou-se debalde por collocar-se elle só ao lado de Henriqueta, mas o dr. Octavio tinha tomado esse posto e não lh'o cedeu.

O cavallo de Pamphilio era feroso e ardido e exigia toda a força e habilidade de seu dono para conservar-se toleravel e apparentemente socegado.

Chegaram felizmente todos á fazenda vizinha, onde foram excellentemente recebidos pela familia amiga de Clotilde e de Marianno, sendo Pamphilio muito festejado pela sua presença que já alli se tornava rara.

— Já ninguem o vê mais, sr. Pamphilio, disse-lhe a bonita filha dos donos da casa.

— Que quer, minha senhora?... tenho sido obrigado a deixar-me de quarentena e de prisão, zelando os escravos, que com as loucas ideias de emancipação têm-se tornado insupportaveis. Se eu achasse quem me comprasse o sitio e os escravos, vendia e queimava tudo: e comprava assim tambem a minha liberdade.

— Mas os seus escravos dão-lhe bastante tempo para ir todos os dias á fazenda do Recreio.

— Na fazenda do Recreio ouve-se distinctamente um grito soltado no meu sitio.

— Essa razão é boa, e quando ella não o fosse bastava a companhia de D. Henriqueta, para absolve-lo do esquecimento em que nos tem deixado.



— Protesto, minha senhora, que v. ex.<sup>a</sup> se ha de arrepender de tão obsequiosa reprehensão, aturando em breve a minha frequencia na sua caza.

— Pois faça isso, e verá que de cada vez que chegar a ellá, o dia ha de ser de festa para nós.

Estes lisongeiros acolhimentos e estas lisonjas de que Pamphilio era objecto, o encantavam muito, porque Henriqueta estava presente e via o favor com que elle era tratado por uma joven interessante e amavel.

Serviu-se uma excellente meza de doces, a que os hospedes fizeram a devida honra, e levantada ella, chegada a hora da despedida Marianno, Clotilde, e as suas vizitas e Pamphilio receheram solemne convite para jantar d'ahi a tres dias, o que elles acceitaram sob a condição de ir a familia vizitada passar em sua companhia o dia seguinte.

Sahido o cabriolet e quando as senhoras tinham tomado suas montarias, o dr. Octavio propoz a Pamphilio trocar o seu cavallo com o d'elle.

— Não tenho a menor dúvida, mas devo preveni-lo de que o meu cavallo é muito fozoso e ás vezes chega a tomar o freio nos dentes, e a disparar; é preciso ter mão forte e segura e destreza magistral.

— Tudo isso terei, troquemos os cavallos.

— Pois vá lá, mas é contra minha vontade.

Trocaram-se os cavallos e o dr. Octavio montou com algum custo no de Pamphilio.

— Tenha as redeas sempre seguras, disse este, cavalgando o animal que o dr. Octavio despresára.

Pozeram-se a caminho. D. Jesuina veio collocar-se á sombra de Pamphilio, enquanto o dr. Octavio tomou de novo o seu posto ao lado de Henriqueta.

— Como vão aquelles dois tão contentes e felizes! disse Jesuina, fallando em voz um pouco baixa a Pamphilio.

— Que dois? . . perguntou este.

— Ora... D. Henriqueta e o dr. Octavio, com os seus olhos de namorado, já devia ter notado isso.

— E' um cavalleiro que segue, protegendo uma senhora; nada mais vejo.

— E' porque não quer ver; desde antehontem, Henriqueta, está cahida por meu primo.

— Cahida como?...

— Inteiramente interessada por elle, isso é couza que começou o mez atrazado na cidade e que continua aqui com evidente aggravação de sentimentos suaves e mutuos.

Um calafrio agitou Pamphilio, que no entanto disse:

— Apesar de toda a fé que v. ex.<sup>a</sup> me merece, eu duvido muito, minha senhora, da affeição que attribue a minha sobrinha.

— Pois repare e não os perca de vista, já que o senhor não tem olhos, nem coração senão para D. Henriqueta.

Pamphilio com effeito reparou, e viu nos modos, com que o dr. Octavio tratava Henriqueta indicios de affeição mutua, de ardimento d'elle e de correspondencia d'ella.

Entrou na alma de Pamphilio vivo ciume, e uma especie de odio ao dr. Octavio.

---

Mas n'esse momento um homem rustico, cahindo do mato que bordava a estrada espantou o ardente cavallo, em que vinha montado o dr. Octavio, e que livre do dominio de um cavalleiro amestrado, depois de recuar espantado, disparou vehementemente.

— Agora lá vai elle por esses ares! exclamou Pamphilio; aconteceu o que eu lhe disse, e é accudi-lo ou vae esbarrar em algum perigo. E' preciso accudi-lo.

E generoso e nobre, Pamphilio que tinha acabado de sentir-se odiento do dr. Octavio, fincou as esporas no seu cavallo, e fe-lo partir á desfilada em soccorro do odiado.

No entanto o dr. Octavio era levado em arrancos possantes pelo cavallo furioso, que forcejava por libertar-se do cavalleiro, e que nas proximidades de um rio atirou-se para uma alta ribanceira, ameaçando lançar-se dentro do precipicio.

Preciso é dize-lo, o dr. Octavio conservára-se até então firme no sellim, esforçando-se inutilmente por fazer parar o cavallo que o arrebatava, mas em face do precipicio perdeu o

animo e preparava-se para se atirar do cavallo abaixo, quando uma mão possante, tomando-lhe o freio, e fazendo violento esforço, obrigou-o a voltar-se para o lado e a parar.

Era Pamphilio que tinha chegado a proposito ao lugar do perigo e que com a sua força e com o seu grito: *alassão!* conhecido do cavallo, conseguira faze-lo estacar.

— Eu bem lhe avisei das manhas d'este cavallo, agora que já o experimentou, tome aquelle em que veio, e deixe-me o meu.

O dr. Octavio resistiu, pretendendo continuar o passeio no mesmo cavallo, mas ás instancias dos companheiros e das senhoras, que vieram chegando, sujeitou-se a mudar de montaria, entregando o soberbo *alassão* a Pamphilio, que o cavalgou seguro e destro e que foi de novo postar-se ao lado de Jesuina.

— Muito bem, sr. Pamphilio, a acção que praticou o honra muito, eu lhe dou mil parabens pelo que fez.

— Fiz a couza mais natural deste mundo, mas é preciso confessar que o dr. Octavio é cavalleiro habil, se o não fosse teria cahido dez

---

vezes antes de chegar ao ponto onde o encontrei; é um guapo cavalleiro !

— E o senhor é um homem cheio de generosidade, um verdadeiro homem de coração, que eu preferiria a todos para ter sempre junto de mim.

— Se a acção que pratiquei merecesse premio, o que acabo de ouvir-lhe, minha senhora, satisfaria todas as minhas ambições.

— Pois o que me ouviu, é a expressão ingenua e sincera dos meus sentimentos, disse Jesuina com voz abalada e terna.

Pamphilio olhou para Jesuina, mas era noite e não poudo ler-lhe na phisionomia a sancção das palavras que acabava de ouvir-lhe.

D'ahi a pouco chegavam à fazenda do Recreio, e recolheram-se a caza.

## VI

### HENRIQUETA, JESUINA E PAMPHILIO

— Obrigada pelo que fez hoje titio, disse Henriqueta, chegando-se a Pamphilio.

— Pois que é que eu fiz hoje?... perguntou este.

— Salvou um dos nossos amigos do maior perigo.

— Não foi tanto como lhe parece, menina; mas então interessa-se muito por esse amigo?...

— Interesse-me, como por qualquer outro da nossa companhia.

— Como por qualquer outro? está-me parecendo que não.

— Como é isso? duvida do que eu lhe digo.

— Duvido, sim menina, e duvido muito pelo que vi e observei durante o passeio de hoje, e Deus permitta que eu me enganasse.

— Pois que viu e observou?...

— Vi o dr. Octavio sempre junto da senhora, e observei que lhe dizia finezas que eram ouvidas docemente.

— Finezas! tudo quanto elle me disse durante o passeio, poderia repeti-lo aqui em voz alta e diante de todos.

— Sou capaz de jurar que elle e a senhora estão namorados um do outro.

— Titio está vendo estrellas ao meio dia.

— Assegura-me que não é verdade o que eu penso?...

— Asseguro.

— Que o dr. Octavio lhe é de todo indifferente?...

— De todo, não, titio, porque eu o tenho em estima desde a cidade. E' uma excellente pessoa, não acha?.

— Eu o acho um moço prestimoso, e imprudente, e tiveste a prova disso no perigo a que elle se arriscou hoje.



— Foi ouzadia da mocidade, e nada mais, todavia elle não cahiu do cavallo.

— E' certo, mas não teve força nem destreza para governa-lo com as redeas.

— Isso não o abate aos olhos de ninguem, não é pião, eis tudo.

— Então o pião sou eu, muito agradecido!

— Não era isso o que eu queria dizer, titio; vossa mercê monta muito bem, e conhecia o cavallo, e por isso o sustevê como mestre.

— E elle hia atirando-se do cavallo abaixo como um pastrana!

— Pastrana não, titio, elle deitava-se do cavallo abaixo em face do grande perigo, que corria.

— Mas um cavalleiro de consciencia não abandona o cavallo ainda no ultimo trance.

— Já concordei em que o dr. Octavio não é pião, isso porém não lhe tira o justo elogio de se ter sustido firme no seu cavallo, durante os arrancos que elle deu, e a disparada em que se lançou furioso.

— Isso porém não o livra da macula de ser um moço imprudente e desasisado.

— Pouco prudente, talvez, mas desasisado, não titio, elle mostra ao contrario ser homem de muito sizo.

— Tomas a sua defeza tanto a peito, que eu prefiro deixar-te com a tua opinião sobre o dr. Octavio.

— E tanto mais que a minha opinião é isenta de qualquer supposição que me seja desairosa.

— Quero cre-lo, sobrinha, e espero convencer-me disso.

E Pamphilio separou-se de Henriqueta, e foi juntar-se ás outras senhoras, com as quaes começou a rir muito.

Pamphilio não deu importancia aos rizos das senhoras, que aliás era delle que estavam tratando, e zombando de suas pretensões sobre a bonita sobrinha.

Os homens tinham-se sentado a jogar o lasquet.

Quasi logo Jesuina foi ter com Pamphilio que se achava só e recostado a uma janella e perguntou-lhe a meia voz :

— Sabe de que se estão rindo aquellas senhoras?.

---

— Não, minha senhora, provavelmente de ninharias que quasi sempre as occupam.

— Pois não é de ninharias, riem-se do senhor.

— De mim? . . e porquê?

— A proposito de suas intenções de casamento com D. Henriqueta.

— Mas eu ainda não communiquei a quem quer que seja minhas intenções de casamento com quem quer que seja.

— D. Henriqueta porém deixa-as acreditar nesse seu projecto e é a primeira a rir delle.

— Deixe-a rir, minha senhora, é que tem empenho em mostrar os dentinhos, e com razão, porque são bellos.

— Mas ella não ri, quando lhe fallam no dr. Octavio.

— Não creio que haja nada de serio entre elles, pelo menos Henriqueta m'o assegurou inda ha pouco.

— E o senhor Pamphilio prestou fé ao que ella lhe disse? . . .

— Confesso que sim.

— E se lhe provar o contrario? . . .

— Provar-me o contrario? e como?..

— Fazendo-o ouvir, de parte, conversação terna entre os dois.

— Onde? e quando?..

— Onde e quando não lhe posso dizer; será onde e quando a occasião se offerecer.

— Pois bem, minha senhora, acceito a sua proposição.

— E se se convencer de que lhe estou dizendo a verdade?..

— Convencer-me-ei, minha senhora.

— Só?.

— Que mais poderei fazer?..

— Ama tanto a Henriqueta, que ainda assim não terá olhos para ver outra moça, embora menos linda que ella, nem coração para dedicar a essa?..

— E quem é essa outra moça, minha senhora?..

— Adivinhe.

— Não posso, no estado em que v. ex.<sup>a</sup> me põe não posso atinar com a felicidade, com que me pretende consolar.

— Pois olhe-me bem.

— Estou olhando-a, minha senhora.

— Acha-me feia.

— Acho-a formosa e interessante.

— Pois sou eu.

— A senhora?. deveras poz os olhos em mim?...

— Como quer que lh'o diga? eu amo-o desde ante-hontem, sr. Pamphilio!. amo-o e desejo ser sua.

— Minha senhora, esta declaração é para tirar o juizo a qualquer!

— E eu não lhe peço que me responda agora, basta que me responda depois do \desengano de D. Henriqueta. Promette-me?...

— Prometter o quê?...

— Responder-me depois de desenganado.

— Prometto, disse Pamphilio aturdido pela confissão do amor de Jesuina e afflicto pela promessa de faze-lo assistir á conversação confidencial e terna do dr. Octavio e de Henriqueta.



## VII

### O JOGO E O ESCRAVO

Jesuina tinha vinte e seis annos, e ardia pôr casar-se; ora aos vinte e seis annos uma moça sem perder a esperança de achar noivo, já pensa muito que os annos vão passando, que o tempo foge, e que ella precisa aproveitar o primeiro ensejo de escapar ao perigo de ficar solteirona.

Ella não era formosa, como lhe dissêra Pâmphilio; tinha bellos olhos, mas fronte baixa e acanhada e nariz demasiado grande, a seu corpo faltavam contornos, que o engrançassem e apenas a poder de saías e de postiços era-lhe possível illudir os incautos, que a observavam.

Em compensação a essa falha de encantos physicos, Jesuina possuia em grande escala espirito fino e intrigante, que lhe servia contra as suas rivaes.

Já tinha na côrte soffrido ehec em repetidos manejos dirigidos em detrimento de outras moças, que tinham conseguido casar-se a despeito de seus esforços e maquinações.

Por ultimo declarara-se apaixonada de seu primo o dr. Octavio, que na côrte dera preferencia sensível a Henriqueta, e Jesuina ferida por isso em sua vaidade, resolvera oppor-se decididamente ao casamento dos dois.

Vindo para a roça no fim do anno encontrára Pamphilio, infeliz namorado de Henriqueta e perdendo junto desta os seus empenhos em distanciar-lhe do coração o dr. Octavio e visitando o sitio de Pamphilio e apreciando os seus bens e a sua fortuna, mudou logo de estratagemma, resolvendo conquistar o velho roceiro, com quem casada julgava facil leva-lo para a côrte, onde passaria regalada vida.

Com este pensamento Jesuina começou a intrigar Pamphilio com Henriqueta, cousa que



lhe era tanto mais facil, quanto em verdade os dois já se achavam muito afeiçãoados.

Calculando com a fraqueza de Pamphilio por moças bonitas, e reputando-se tal, ella não hesitara em declarar-se enamorada delle, embora o julgasse muito indigno da sua adoravel pessoa, e o fizera de arte a comprometter Henriqueta na opinião de seu tio, e a ganhar por semelhante modo.

Restava-lhe achar um meio de fazer Pamphilio assistir á conversação confidencial e terna do dr. Octavio com Henriqueta, mas Jesuina contava muito com a paixão que ardia em ambos, e por tanto esperou.

E perdeu a noite esperando.

Pamphilio muito consumido e atormentado aproximou-se da meza do jogo. Elle nunca jogava e aborrecia as cartas, mas naquelle dia sentia-se fóra de si e precisava distrair-se.

Chegado á meza viu que o dr. Octavio tinha tomado as cartas, e estava ganhando consideravelmente.

Começou a apostar contra elle.

Marianno exclamou:

— Oh! Pamphilio jogando?... isto é uma novidade extraordinaria!

E Pamphilio ganhou a primeira aposta.

Continuou o jogo, e elle tomando as cartas, deu quatorze sortes seguidas, de modo que no fim das quatorze passou-as tendo lucrado mais de um conto de réis.

— O jogo não é tão ruim, como me parecia! disse Pamphilio, continuemos.

E apesar seu lembrava-se do adagio antigo relativo ao amor e ao jogo.

D'ahi a pouco as cartas chegarám outra vez ao dr. Octavio, que baralhando-as, disse a Pamphilio.

— Veremos, se me vence, e me toma as cartas facilmente nesta sortida!

— Ve-lo-ha, eu confio muito na minha fortuna hoje, principalmente contra o senhor.

— Pois pare!...

— Quinhentos mil réis... aceita? . .

— Certamente.

E o dr. Octavio foi voltando as cartas, mas á quinta puxou contrariado, porque acabava de

perder. Pagou sem hesitação nem desgosto a quantia perdida, e disse a Pamphilio:

— As cartas não estão mais em minhas mãos, podemos porém parar de fóra, eis ahí um rei e a dama: em qual das duas pára?...

— Eu paro na dama, porque fiz-me republicano, e não gosto dos reis.

— Pois eu aposto pelo rei quinhentos mil réis!

— Aceito.

— Perdeu Pamphilio, não reparaste que já sahiram duas damas.

— Que tivessem sahido quatro, está feita a aposta.

Voltaram-se as cartas, e sahiu uma dama.

— Com effeito! disse Octavio, já me ganhou um conto e trezentos mil réis; por hoje estou divertido.

E levantou-se!

— Pois se o senhor dá o *basta*, eu tambem o dou; já lhes ganhei bastante dinheiro.

E levantou-se igualmente.

Os outros jogadores privados dos dois companheiros deram por terminado o jogo e foram odos cear.

Jesuina sentou-se junto de Pamphilio e sabendo já do seu mau costume, principiou a provoca-lo, tocando-lhe no pé, ao que elle respondeu por habito, mas sem ardor.

Estavam no fim da cea, quando se ouviu ruido, e entraram dois escravos, um dos quaes, o mais ladino e esperto chegou manquejando.

— Senhô, disse este, o touro está ahi, veiu com grande custo, porque é bravo de mais, e escapou de matar-me em caminho.

— Como?

— Tomando a corda que vinha nas mãos do Gonçalo, deu-me uma marrada, que me deixou sem sentidos, só no fim de algum tempo fomos possível seguir para aqui. Emfim o touro está ahi, mas é preciso ter muito cuidado com elle, porque é bravo e feroz.

Pamphilio levantou-se e chegando-se a Atanasio, o escravo que acabava de fallar, examinou-o e encontrou-lhe forte congestão no peito que além disso se apresentava ferido, e disse:

— O Atanasio está imprestavel por quinze dias. O touro por pouco que o não matou, pois seria pena, porque Atanasio foi sempre um excellente escravo.

— E eu já lhe dei por isso mesmo auctorição para procurar a sua alforria; elle já tem algum peculio e em breve me dará dois contos de réis, em que o avaliei, bem que valha muito mais.

— E quanto tens para a tua alforria Atanasio?... perguntou Pamphilio.

— Tenho trezentos mil réis já, e algum dinheiro mais promettido.

— Pois guarda os trezentos mil réis para principiar a tua vida, e aqui tem, senhor meu sobrinho, pela alforria do Atanasio, os dois contos de réis que ganhei hoje no jogo.

E dito e feito; Pamphilio tirou do bolso o dinheiro e entregou-o a Marianno, que voltando-se para Atanasio, disse-lhe:

— Estás forro, Atanasio; amanhã te passarei a carta de liberdade; no entanto agradece ao tio Pamphilio tão grande beneficio.

Atanásio quiz por-se de joelhos, no que foi impedido por Pamphilio, que lhe disse:

— Anda! vae cuidar em ti, e applicar agua com sal no peito. Vae!..

O escravo chorando de contente beijou a mão de Pamphilio, prostrou-se aos pés de Marianno, de Clotilde, e de Henriqueta, que lhe disse, chorando tambem:

— Vae, Atanásio! e amanhã falla commigo porque devo dar-te uma lembrança minha.

O escravo retirou-se, mas voltou da porta, por onde tinha sahido, e disse:

— Meu senhor, é preciso ter muito cuidado com o touro, porque é bravo e feroz.

— O dia foi do senhor Pamphilio, exclamou o dr. Octavio, porque livrou-me talvez da morte, e porque com certeza livrou um homem da escravidão. Viva o sr. Pamphilio!..

E virou o seu copo de vinho.

— Viva!.. viva o tio Pamphilio!... repetiram os outros, bebendo vinho.

— O que eu fiz pelo senhor, disse Pamphilio, falo-hia por outro homem qualquer, e esse ex-escravo deve a sua liberdade não a mim,

---

mas aos senhores que perderam dinheiro no jogo, e principalmente ao sr. dr. Octavio que foi quem perdeu mais.

— Abençoada foi portanto a minha infelicidade no jogo desta noite.





## XIII

### A MOAGEM

No dia seguinte augmentaram os desgostos e as suspeitas dos amores de Henriqueta no animo de Pamphilio.

Logo de manhã chegou Marialva com sua familia e ainda outras familias convidadas para passar o dia na fazenda do Recreio.

Para dar maior entretenimento a seus amigos Marianno dispozera continuar nesse dia a moagem do seu engenho.

Desde algum tempo que acabou a poezia das moagens. O vapor em suas azas de fumo levou comsigo quanto havia de poetico nesse trabalho que muitas vezes era de agradavel festa para os curiosos.

Acabou o folguedo divertido e interessante da primeira moagem, e nas seguintes os travessos convidados não têm o prazer de subir as almanjarras e de tocar os burros, tomando o lugar dos escravos.

Hoje resta apenas a consolação de chupar algumas cannas, de tomar caldo e melasso, e isso em quanto novos melhoramentos, que se vão introduzindo não destroem em grande parte esses prazeres que faziam as delicias dos nossos maiores.

Ora a fabrica de Marianno era movida a vapor e portanto não offerecia os encantos das antigas moagens.

Tudo estava prompto para pôr em movimento a fabrica da fazenda do Recreio, quando os convidados de Marianno, acabado o almoço entraram para uma sala que havia em frente do engenho.

Pouco antes, vendo reunidas seis moças solteiras e todas mais ou menos bonitas, que se engrupavam perto de Pamphilio, embora procurassem com os olhos outros cava-

---

lheiros, Henriqueta, dirigindo-se imprudentemente ao tio, disse-lhe ao ouvido:

— Está vossa mercê como sempre se deseja, tendo junto de si seis moças, cada uma das quaes morre por agradar-lhe.

— Pois se ellas morrem por mim, perdem o seu tempo, eu prefiro a todas você sem morrer por mim, mas vivendo só para mim.

Henriqueta viu que tinha errado entendendo com o tio, e misturou-se com as outras moças, com as quaes se poz a gracejar.

Não tardou muito que Marianno desse o signal de partida para o engenho.

Lá as senhoras solteiras indifferentes aos trabalhos da fabrica, viram quasi sem consciencia o mover da machina, o cadilho a correr, e o coche a encher-se.

Os fazendeiros examinavam e applaudiam a excellencia do maquinismo, Pamphilio fazia observações sensatas, e Octavio e alguns outros mancebos andavam por aqui e por alli, recebendo de Marianno explicações a que attendiam ou não, e com os olhos prezos na sala onde se achavam as senhoras.

Passada uma hora algumas senhoras começaram a tomar caldo quente, emquanto outras, e principalmente as moças solteiras declararam que preferiam chupar cannas.

E eis ahi os apaixonados lançando-se no picadeiro a procurar cannas creoulas, ou menos duras, e a raspa-las para traze-las ás moças.

O dr. Octavio foi um delles, e trouxe a Henriqueta excellente canna, raspada, e roletada por suas mãos, que ella recebeu agradecida.

— Você ha de-me dar um pedaço dessa canna, disse-lhe Florinda, uma esperta moça das que tinham vindo passar o dia na fazenda do Recreio.

— Ali ha mais, respondeu Henriqueta, desta não dou nem um rolete.

— Pois está preza assim, D. Henriqueta?... perguntou-lhe Florinda.

— Não estou preza, mas não lhe posso ceder a minha canna!

— Aqui tem mais cannas, e estas são de boa escolha para serem chupadas! disse Pam-

philio aproximando-se, e trazendo meia duzia de cannas raspadas e roletadas.

— Resolveu-se a questão! observou Henriqueta. D. Florinda, ahí tem cannas preparadas por meu tio que adivinhou os seus desejos. Titio, eu já estou servida, mas D. Florinda ardia com vontade de chupar uma canna.

— E tinha inutilmente pedido a D. Henriqueta um rolete, ella porém em attenção á pessoa que lhe tinha dado a canna, negou-m'o obstinadamente.

— E quem foi essa pessoa?... pode-se saber?.

— Digo, D. Henriqueta!

— Pode dizer, eu não faço nada ás occultas.

— Não, eu não digo. . .

— Pois digo eu, foi o sr. dr. Octavio.

Pamphilio turbou-se, mas d'ahí a pouco disse:

— E' natural, um mancebo bem educado, como é o dr. Octavio se apressaria a servir as senhoras.

— Tal e qual, é o que eu penso, tornou dizendo D. Florinda, só o que achei extraordi-

nario foi que D. Henriqueta não me quizesse dar nem um rolete da canna preparada pelo dr. Octavio.

— Isso não tem nada de extraordinario, é que minha sobrinha quiz mostrar apreço ao presente do dr. Octavio.

— Como eu aprecio o seu, sr. Pamphilio, olhe já estou chupando a canna raspada e roletada pelo senhor.

— Muito obrigado, minha senhora, e se quizer mais, vou buscar-lhe.

— Não, basta-me uma canna.

No entanto Henriqueta tinha repartido as cannas trazidas por Pamphilio pelas senhoras, e se deixára com uma.

— Olhe, titio, reparti as suas cannas com as moças e fiquei com uma, que vou chupar agora. Creio que não pôde ter queixa de mim.

— Não, menina, eu não me queixo nunca, ainda mesmo que me sobre razão para faze-lo. Até logo.

— Até logo?... pois onde vae, titio?...

— Andar ás tontas por ahi, pois que posso eu fazer, senão andar ás tontas?..

— Sr. Pamphilio, console-se comigo que não pode merecer um só rolete da canna dada pelo sr. dr. Octavio.

— Pois peça a elle proprio, estou certo que ha de te-lo. Estes moços da cidade têm sempre attenções para todas as senhoras.

— Eu sou da roça, sr. Pamphilio, e me contento com as attenções dos roceiros.

— Infelizmente nem todas pensam como v. ex.<sup>a</sup>.

E dizendo isso Pamphilio retirou-se, não esquecendo de olhar para a sua canna, que Henriqueta tinha deixado de chupar.

— Você é má, D. Florinda! disse Henriqueta.

— Má?... porque?...

— Porque se esforçou por intrigar-me com meu tio.

— Eu?! eu apenas dei-lhe a entender o que todos vêem.

— Mas que é que todos vêem?...

— O seu amor pelo dr. Octavio.

— Quem vê isso?...

— Quem tem olhos e observa como procedem ambos.

— Eu creio que procedemos muito convenientemente.

— Muito convenientemente para um moço e uma moça que se devem cazar em breve, mas inconvenientemente no caso contrario.

— E você que diz sobre o dr. Octavio, D. Florinda ?

— Digo que é um mancebo que, se as apparencias não enganam, é digno de ser seu marido.

— Pois bem, conversaremos a sós um pouco mais tarde. Eu lhe confessarei tudo.



## IX

### HENRIQUETA E FLORINDA

Pretextando um ligeiro incommodo, Florinda sahiu da sala do engenho para a casa, pedindo a Henriqueta que a acompanhasse.

Não as perdeu de vista Jesuina, que desconfiando do fingido incommodo de Florinda, e sabendo que as duas eram intimas amigas, e que desejavam conversar sem testemunhas, as seguiu de manso e desapercibida, e foi apanha-las no quarto de Henriqueta em confidencias.

Collando o ouvido á porta, prestou a mais viva attenção, e ponde ouvir tudo que as duas camaradas se diziam.

— Bem, tu o amas, isso já eu sabia, porque está entrando pelos olhos de todos, mas

onde começaste a ama-lo?... como foi essa historia?

— E' uma historia que se parece muito com a tua, e com a de todas que se acham no nosso cazo, mas começou o anno passado na corte.

— O anno passado?.. tinhas só quinze annos de idade, Henriqueta.

— E' verdade, principiou porém então.

— E como?.

— Eu tinha sahido do collegio, e completava minha educação em casa de D. Mafalda, quando vi pela primeira vez Octavio. Ve-lo e ama-lo foi obra da primeira hora, em que nos encontramos.

— E elle amou-te do mesmo modo logo?..

— Logo, pelo menos eu o devo crer, porque então elle era estudante do sexto anno de medicina, e me demonstrou o seu affecto de mil maneiras. Primo de D. Mafalda, tinha entrada franca na caza, e era fortemente namorado por D. Jesuina, filha da dona da casa, sua prima, que fazia inutilmente os maiores excessos por elle.

---

— E D. Jesuina como se houve contigo?...

— Como pôde, empregou esforços para desviar-me de Octavio, mas creio que acabou por desesperar.

— E que mais?...

— Em nossas intimas conversações Octavio me fallava do seu amor, e do ardente empenho de casar comigo, mas nunca obtive de mim o menor favor, que uma donzellá não pode conceder ainda ao homem mais amado.

Finalmente no fim do anno passado eu tive de retirar-me para a roça, meus paes me tinham ido buscar. Octavio foi apresentado a elles, que o receberam e trataram muito bem.

O acolhimento que Octavio teve de meus paes deu-me suaves esperanças que no entanto escondi no fundo do coração.

Na vespera de nossa partida para a roça, e em passeio no jardim de D. Mafalda encontrei-me a sós com Octavio que me disse:

— Vae-se embora amanhã, D. Henriqueta; longa distancia nos separará, e pode ser que, projectos de familia, e quem sabe se mudança

---

em seus sentimentos não me farão perder para sempre o seu coração.

— Nunca, sr. Octavio, o meu coração não muda e hade ser sempre seu.

— Minha unica esperanza se deposita na sua constancia, mas se me dá licença eu hoje pedi-la-ei em cazamento a seus paes.

Dei-lhe a licença pedida e Octavio, despedindo-se de mim, rogou-me por extremo favor que lhe permittisse beijar-me a mão.

Muito vexada e commovida, estendi-lhe a minha mão que elle beijou com ardor.

Foi essa a unica liberdade, que tem tomado comigo; fóra disso até hoje só tem conseguido apertar-me a mão á vista de meus paes.

A' noite Octavio me disse que tinha fallado a meu pae, pedindo-lhe a minha mão, e que este pretextando minha idade muito nova, lhe havia dito que deixasse para mais tarde os seus projectos de casamento.

Retirei-me para a roça, trazendo o meu amor no coração; fui, tenho sido fiel a elle; indo por vezes á corte com meus paes, ou só com minha mãe, encontrei sempre Octavio,

leal e verdadeiro em seus compromissos para comigo, e hoje que o vejo em nossa casa, perfeitamente bem recebido por meu pae, acho-me esperançosa do bom resultado do seu empenho em casar comigo.

— E é tudo, D. Henriqueta?...

— E' tudo, e sendo os factos como os expuz, é claro que amo Octavio e que espero enlaçar-me com elle muito cedo.

— E D. Jesuina?...

— Essa desde algum tempo perdeu de toda a esperança de desposar o primo, e moça de juízo, como é, lança suas redes para outros lados.

— E o tio Pamphilio?...

— O tio Pamphilio já deve estar habituado a ver cazarem-se com outros noivos da sua escolha.

— Mas é positivo que elle te ama extremamente.

— Eu o creio, conta já porém cincoenta e tantos annos, podia ser meu pae, e quando não fossem essas razões, minha escolha está feita, e eu só serei esposa de Octavio.

---

— E não te arreceias de sua opposição ao teu casamento?

— Conto com ella, mas conto igualmente com a minha vontade é com o amor de meus paes.

— E se teus paes se oppozerem tambem ao teu amor, que ameça-os de priva-los de uma filha querida?

— Dir-lhes-ei que estou prompta a obedecer-los sob a condição de ficar solteira toda a minha vida.

— Está bem, D. Henriqueta, já sube quanto desejava saber, agora recolhamo-nos á sala do engenho, onde a nossa prolongada ausencia já deverá ter sido notada.

Ouvindo-as terminar suas confidencias, Jesuina apressou-se a retirar-se, indo para a sala do engenho, onde, aproveitando occasião, que facilmente se proporcionou, deu conta a Pamphilio de quanto tinha ouvido, adubando a traiçoeira confidencia com falsos argumentos, que lhe podiam ser uteis.

— Conversação de meninas! disse Pamphilio perturbado e contrafeito.

---

— Mas não ha nada mais positivo!. não assim, D. Henriqueta?... respondeu Jesuina, e depois fallou a D. Henriqueta que acabava de entrar com D. Florinda.

— E' D. Jesuina é, tudo quanto você diz é por força verdade.

E Pamphilio sem pensar no que havia de vago na resposta de Henriqueta, foi ter com Marianno, e emprazou-o para uma conferencia em particular.





## X

### A CONFERENCIA

Quando á noite já se tinham retirado todas as visitas, e os hospedes se haviam recolhido cançados do dia de festança, Marianno lembrando o emprazamento de Pamphilio, deu-lhe o braço e sahiram ambos para o terreiro.

— Estou curioso de saber o que me queres, disse Marianno.

— E' simples, respondeu-lhe Pamphilio, quero o destino da minha vida que depende só de ti.

— O destino da tua vida, Pamphilio?... então o caso é muito serio.

— E' o mais serio possivel. O que dizes tu de mim, Marianno?.

— Digo que és um perfeito homem de bem, e que onde pões os pés, muitos homens que passam por estimáveis desejariam pôr o rosto.

— E que pensas da minha fortuna? . . .

— Não a avalio perfeitamente, mas penso que estás independente, livre de compromissos e dispondo de sufficientes cabedaes.

— Disseste metade da verdade, estou independente e livre de compromissos, tenho credito e por elle o dinheiro que eu quizer á minha disposição. Posso um sitio que confina felizmente com a tua fazenda, e que vale pouco menos do que ella.

— Estás fazendo o teu inventario, tio Pamphilio.

— E ainda não acabei. Sou senhor de sessenta e quatro escravos, e em letras seguras e indefectíveis guardo vinte e tantos contos de réis.

— E por tanto? . . .

— E portanto avalio a minha fortuna modestamente em cento e cincoenta contos de réis.

— Tens mais do que eu, porque estou devendo ao Banco do Brazil cerca de quarenta contos de réis.

---

— Porque não tens bastante juizo, Marianno, tens dispendido muito com tua mulher e tua filha, e por ultimo a reforma da tua fabrica custou-te os olhos da cara.

— Mas minha mulher e minha filha apenas dispendem o que lhes é absolutamente necessario, e a minha fabrica já está offerecendo evidentes vantagens, que compensarão os sacrificios que fiz por ella.

— Alem dè que isso não é da minha conta, e a minha observação foi sómente provocada pela declaração dos teus compromissos. A minha questão é sómente relativa a mim.

— Vamos pois a ella, tio Pamphilio!

— Vou já e depressa. Com os calculos do que possuo, e que ainda pretendo augmentar, que dizes tu, Marianno, se eu te viesse pedir tua filha em casamento?...

— Por mim diria que se Henriqueta tivesse juizo, faria um casamento vantajoso, e muito aditado para todos nós.

— E se ella não tivesse juizo?...

— Isto é, se ella te não quizesse para marido, eu lhe faria observações sensatas e jus-

tas, mas em ultimo caso levantaria as mãos para o ceu e diria simplesmente «seja tudo como Deus quizer!»

— De modo que uma criança de desesseis annos te governaria, e imporia sobre a tua a sua vontade imperiosa!

— Tratando-se de todo o futuro de minha filha, não é muito que eu consulte a sua vontade e a tenha em grande conta.

— Pois é esta a minha questão, Marianno; eu te peço Henriqueta em casamento, e appello para toda a tua amizade, afim de que a minha pretensão seja bem succedida.

— E porque não te diriges a ella propria?...

— Porque Henriqueta me desama, ou finge desamar-me, porque emfim ella me menospreza.

— Isso é um verdadeiro contratempo para tuas intenções, temos porém um recurso poderoso. Clotilde pode muito mais do que eu sobre a filha, falla a Clotilde, Pamphilio, eu tambem lhe fallarei ácerca do assumpto, e veremos o que conseguimos.

— Eu já fallei a Clotilde, Marianno, ella prometteu proteger meu empenho, como tu me promettes, mas por fim de contas veio dizer-me que esbarrava contra a vontade de sua filha, e que em tal caso nada poderia fazer em meu favor.

— Acho portanto a tua pretensão em más condições, tio Pamphilio, eu porém ainda me esforçarei por faze-la valer.

— Sobre tudo a vontade de um pae deve ter força sobre uma criança que ainda não sabe pezar as conzas. Tu és pae, e o *quero* de um pae tem muita força dito imperiosamente a uma menina de desesseis annos.

— A minha vontade se fará sentir em justos conselhos, tio Pamphilio, mas não posso obrigar-me a forçar a inclinação de minha filha, no entanto vou desde amanhã occupar-me deste negocio, que é todo de amizade e de interesse para mim.

— Pois que me fallas em interesse, dirte-ei, que realisado o meu casamento com Henriqueta, tomarei sobre mim a divida a que estás

obrigado no Banco do Brazil, e tu m'a pagarás quando puderes e quizeres.

— Esse offerecimento muito lisongeiro não modifica de modo algum minhas intenções. Farei em teu favor tudo quanto me fôr possível, menos coagir minha filha a um casamento contra sua vontade.

— Mas tu juras-me esforçar-te, Marianno?...

— Juro-o.

— E induzir tua mulher a secundar-te no mesmo esforço?

— Podes ter a certeza disso. Sabes quanto te estimamos, tio Pamphilio.

— Infelizmente Henriqueta não me estima do mesmo modo.

— Enganas-te. Henriqueta tem por ti a maior e a mais viva estima.

— Antes me estimasse menos, e amasse-me um pouco.

— Confia em nós, tio Pamphilio, e boa noite!

— Com effeito faz-se tarde, boa noite!

E os dois separaram-se. Mariannó foi ter com Clotilde, a quem pediu que se interessasse

---

pelo tio Pamphilio, e este retirou-se para o seu sitio pensando em Henriqueta, que a essa hora, em vez de dormir, tinha o seu espirito todo occupado dr. Octavio.





## XI

### OS DOIS AMANTES

Baldados foram os esforços sinceramente empregados por Marianno e Clotilde para convencer a filha de que se deveria casar com o tio Pamphilio.

Depois de muito negar-se a esse projecto adoptado por seus paes, Henriqueta declarou-lhes que amava Octavio, o qual estava prompto e disposto a desposa-la, e que ella o preferia ao tio Pamphilio e a todos os homens.

Por ultimo venceu a insistencia do pae e da mãe, desatando a chorar. Vendo correr as suas lagrimas os paes de Henriqueta se commoveram, e deixaram de instar com ella para felicita-los com a promessa de casar-se com Pamphilio.

Mas Henriqueta deixada livre por seus paes retirou-se deliberada a apressar o seu casamento com Octavio, e apenas encontrou-se com este, disse-lhe apressada e a meia voz.

— Faça tudo por fallar-me hoje a sós, tenho couza importante que dizer-lhe.

— Bem, eu me esforçarei por achar-me só com a senhora, mas onde? . .

— Os nossos quartos abrem janellas para o terreiro, eu lhe farei signal, quando fingir que me recolho, e o senhor vá esperar-me á janella do seu quarto, porque eu estarei na do meu e lhe fallarei.

— Optimamente, até logo!

E separaram-se os dois sem reparar em Jesuina, que estava perto e que com o ouvido alerta os tinha ouvido.

D'ahi a pouco chegou Pamphilio que ficou esperando pela resposta que devia dar-lhe Marianno, o qual receioso de desconsola-lo e de affligi-lo, fugiu de conversar com elle.

Pamphilio porém animou-se com o bom tratamento que recebeu de Henriqueta, attribuindo o facto aos empenhos de Marianno e de Clotilde,

quando Jesuina veio ter com elle e o levou consigo para a porta da entrada.

— Chegou hoje o dia de cumprir a minha promessa, ha de ouvi-los em conversação intima.

— A' quem?...

— A' Henriqueta e Octavio.

E referiu-lhe quanto tinha ouvido aos dois.

Pamphilio cahiu do ceu de esperanças, onde havia entrado e respondeu a Jesuina:

— Mas d'onde poderei ouvi-los?...

— Esteja alerta, e a um signal meu entre no quarto de Octavio, e esconda-se por detraz dos cortinados da cama, e abra os ouvidos.

— Pois bem, farei isso, mas com que fim se empenha a senhora em fazer-me ouvi-los.

— Por interesse proprio, já lhe confessei o meu amor, e dezejo ve-lo desenganado de Henriqueta para entrar na posse não disputada do seu coração.

— Convem-lhe pois um coração desprezado por outra, e que anda a rolo atirado ao chão?...

— Convem-me muito com a condição que o senhor ame-me e me declare isso formalmente.

---

E apertando á sorrelfa a mão de Pamphilio, Jesuina deixou-o só.

Pamphilio achou-se constrangido e abalado, combinando a maneira agradavel, por que Henriqueta o tinha recebido com a informação que lhe dera Jesuina, pensou que aquella comprometida por esperanças que dera a Octavio, aproveitava um ensejo para retirar-las e despedir-se delle.

Com taes ideias esperou paciente pelo signal de Jesuina, que de sua parte perdeu o dia a espreitar constantemente Henriqueta e Octavio, mas depois de jantar e ao anoutecer, Jesuina passando junto de Pamphilio, disse-lhe baixinho:

— E' agora.

Pamphilio estremeceu todo, e vendo os cavalheiros dispostos a ir para o engenho, esquivou-se a segui-los e fôi introduzir-se no quarto de Octavio, occultando-se por traz dos cortinados.

Não tardou muito que Octavio entrasse e que se fosse collocar á janella.

— Tardou muito, disse-lhe Henriqueta da janella quasi configua.

— Foi-me preciso separar-me dos companheiros. Olhe, lá vão elles para o engenho e podem ver-nos.

— Pois que nos vejam. Não haverá novidade, em que estejamos ás janellas dos nossos quartos.

— Eu penso sómente na senhora, mas uma vez que não acha inconveniente, em que nos vejam aqui, estou prompto a ouvi-la.

— Saiba pois que meus paes se empenharam hoje de manhã fortemente comigo, para que eu me resolvesse a casar com meu tio Pamphilio.

— E a senhora? . . .

— Resisti, está visto, e fiz mais, confessei a meus paes que o amava, e que só me casaria com o senhor.

— E elles? . . .

— Grande insistencia a favor de meu tio, mas por fim de contas dobraram-se á minha vontade, vendo-me debulhada em lagrimas.

— E portanto? . . .

— E portanto é preciso adiantar o nosso casamento, não só para pôr um termo às esperanças anachronicas de meu tio, como para libertar-me dos empenhòs de meus paes que são muito amigos, como tambem eu, de meu tio Pamphilio.

— Eu já pedi-a em casamento a seu pae, que reputando-a então muito menina, julgou dever-me negar-me a sua approvação; hoje a senhora tem apenas mais um anno de idade, e eu receio que elle continue a julga-la muito moça.

— Mas meu pae estava prompto a conceder-me em casamento a meu tio, apezar da minha fraca idade.

— Seu tio é seu tio, amigo estimadissimo de seus paes, e eu sou apenas o dr. Octavio.

— Eu porém não amo a meu tio, e amo-o ternamente.

— Quer que eu me exponha a nova repulsa de seu pae?

— Quero e com a esperança de não o ver repulsado.

— Pois bem. De hoje a trez dias retiramo-nos para a corte e antes de findo esse prazo estará prompto o nosso destino.

— Se fosse amanhã.

— Amanhã se-lê-ha, D. Henriqueta! eu me dirigirei a seu pae amanhã.

— Henriqueta!.. gritou Clotilde da porta do quarto, que fazes?...

— Estou concertando os meus cabellos, mas já acabei, e lá vou.

E de novo á janella, disse a Octavio.

— Ficamos entendidos. A'manhã a felicidade!.. até amanhã!

— Deus o queira, anjo do ceu!...

E Henriqueta deixou a janella e quasi logo sahiu do quarto, em quanto Octavio fazia o mesmo, indo reunir-se aos companheiros no engenho.

Pamphilio ouvira a sua sentença aturdido e desesperado. Já sabia que Marianno e Clotilde tinham empregado vãos esforços em seu favor sem conseguirem coisa alguma, maldizia delles por não terem appellado para a prepotencia paterna, e por ultimo ouvira da propria bocca

de Henriqueta o seu desengano e a mais formal declaração de amor a Octavio.

Demorou-se por algum tempo atrás dos cortinados, respirando a custo e retemperando-se de força e animo para apparecer na sociedade dos amigos.

Finalmente sahiu e encontrou á porta Jesuina, que o esperava anciosa.

— Então? . . . perguntou esta.

— Não lhe ouvi uma só palavra; fallaram-se em voz muito baixa, respondeu Pamphilio, esquivando-se.

— Elle ouviu tudo, e muito bem, disse Jesuina comsigo mesma.



## XII

### O TOURO

Quasi logo pronunciou-se tremenda trovoada e chuva torrencial que se prolongou pela noite em diante.

As senhoras mais ou menos muito medrosas da trovoada abrigaram-se em seus aposentos, em quanto os homens aproveitavam o mau tempo para jogar.

Chegada a noite parara o trabalho do engenho e Marianno, livre de cuidados poude entregar-se ao jogo que era o seu vicio e a sua paixão.

Pamphilio não jogou por mais que fosse instigado a faze-lo.

— Isso é occupação de vadios e de esbanjadores de dinheiro.

---

— Mas o senhor jogou ante-hontem á noite! disseram-lhe.

— Fui doido uma vez na minha vida, e não quero se-lo mais.

— E o que fará, enquanto nós jogar-mos?...

— Conversarei com os meus botões até que cheguem as senhoras.

— As senhoras não chegam tão cedo tomadas pelo medo da trovoada.

— Embora! irei conversando com os meus botões.

E Pamphilio poz-se a passear ao longo da sala, pensando em Henriqueta e Octavio em quanto os mais se divertiam, perdendo e ganhando e esbanjando dinheiro, como elle tinha dito.

Passou emfim a trovoada, mas continuava a cahir grossa chuva. Reappareceram as senhoras que privadas dos outros cavalheiros entregues ao jogo chamaram a si Pamphilio, e o entretiveram longamente.

Chegou-a hora da ceia que poz fim ao jogo, e no fim della recolhendo-se todos, força foi a

---

Pamphilio deixar-se ficar na casa de Marianno, porque a chuva cahia em torrentes.

A casa de Marianno tinha uma longa e espaçosa varanda na frente, e foi nella que fizeram a cama para Pamphilio, visto como todos os quartos se achavam occupados.

Pamphilio não dormiu. Passou a noite a passear ao longo da varanda, meditando no seu destino.

Fora sempre bom, honesto e honradissimo. Em moço quizera desposar Clotilde e fôra por esta desprezado por Marianno. Sujeitando-se á sua sorte Pamphilio tornando-se amigo de Marianno, ligava-se com este em estreita amizade, mudara na maior estima o amor que tivera a Clotilde e fizera de sua filha, Henriqueta, o objecto aos seus mais assiduos e verdadeiros carinhos.

Mas Henriqueta de menina traquina e engraçada tornara-se moça formosa e interessante, e eis ahi Pamphilio apaixonado por ella, e ardendo por adora-la como sua esposa, e fazendo tudo por obte-la.

---

Mas então Pamphilio contava já cincoenta e tantos annos, e Henriquetá apenas desesseis, um anachronismo de perto de quarenta annos a separar a ambos. Pamphilio achou-se pois infeliz em sua nova paixão, estava soffrendo tormentos indiseveis por isso.

Entretanto Pamphilio meditava, passeando. Vinha-lhe á mente a sua idade e a de Henriqueta e em sua razão achava fundamento para a preferencia que ella dava a Octavio, mas logo vinha a paixão cega e surda excita-lo de modo a não perdoar a Henriqueta, o que lhe parecia nefanda ingratição.

E o que seria d'elle privado do amor e da posse de Hénriqueta? que perspectiva lhe offerencia o mundo e a vida sem ella?... Pamphilio se agitava pensando assim, lembrava-se das diversas jovens mais ou menos bonitas, que elle festejava por costume; comparando-as porrem com Henriqueta desprezava a todas, e só lhe ficava no espirito aquella que o menosprezava.

Lembrou-se por acaso de Jesuina, que lhe tinha declarado amor, e que o levava a certifi-

---

car-se do doce affecto que unia Henriqueta e Octavio, mas Jesuina lhe inspirava desamor e quasi odio pela propria luz que acendera em seu animo.

Assim abalado e ás vezes como em furia, amando cada vez mais Henriqueta, e detestando Octavio, Pamphilio velou a noite inteira, passeando na varanda e ao romper o dia abriu as janellas para respirar mais desafrontado.

Em breve veio Marianno ter com elle, e aproveitando a occasião, disse-lhe o que Pamphilio já sabia, e que ouviu impaciente da bocca do pae de Henriqueta o desengano desta.

— Não me dizes nada de novo, disse-lhe Pamphilio, já ouvi tudo isso e mais da propria bocca de Henriqueta.

— E quando?...

— Hoje e aqui perto, e aviso-te que receberás hoje um novo pedido de tua filha em casamento.

— Pedido de quem?...

— Do seu namorado, do dr. Octavio.

E Pamphilio contou quanto se passara, e que elle ouvira e como a Marianno, que lhe disse :

— E' preciso perdoar ás moças esses bocadinhos. Quanto a Octavio é um bom rapaz, e tem de seu, pelo que me parece que Henriqueta fará bom casamento.

— Já estás doido pelo genro!

— Não, e tanto que eu te preferia a elle, mas, Pamphilio; tem paciência, tu sabes como são as cabecinhas das moças e no meu cazo farias o mesmo que eu vou fazer.

— O quê?..

— Acabar, concordando com os votos e os desejos de minha filha.

— Pois bem, faz isso, e cada qual governa o que é seu.

— Está entendido, Pamphilio, cada qual governa o que é seu, e se me disseste taes palavras, lembrando o que possuo, perdeste o teu tempo e a tua ruim inspiração, porque eu nunca calculei, nem jámais calcularei com o que possues.

— Não me entendeste Marianno, respondeu Pamphilio, arrependido do que dissera; eu quiz apenas significar que tu governas tua filha, porque ella é tua.

Marianno fingiu aceitar a explicação, e separaram-se os dois.

Depois de servido o café, propoz-se um passeio pelo campo da fazenda, para se apreciar o rio que tinha enchido com a chuva da vespera.

Sahiram todos, senhoras e cavalheiros, e observada a enchente extraordinaria do rio, voltavam para casa, quando viram um touro negro que corria sobre elles.

Henriqueta trazia um chaile de toquim vermelho, e medrosa do touro que avançava furioso, e da côr do seu chaile, que attrahia os olhos do animal, tirou-o de si e entregou-o a Octavio que se apresentou para recebe-lo.

No entanto o touro se aproximava, correndo. Marianno chamou em alta voz alguns escravos, que aliás se demoraram em acudir.

E o touro bravo e feroz que ferira Anastacio, arremetteu furioso contra o dr. Octavio que levava o chaile, e que apezar disso o conservou.

As senhoras e homens correram espavoridos, enquanto o touro, fitando Octavio, corria

---

para elle com a cabeça baixa, e as pontas er-  
guidas.

Fôra talvez esse o ultimo dia de Octavio, mas Pamphilio que se conservára a seu lado, arremessou-o para traz de si com mão pos-  
sante, e vovendo seu corpo para escapar á  
tremenda marrada, tomou o touro pelas pon-  
tas e com movimento rapido e forte torceu-lhe  
assim o pescoço, fazendo-o cahir com todo o  
corpo.

— Agora fuja e seja feliz!... disse Pam-  
philio a Octavio, que fugiu correndo, e sem  
duvida por contar muito com a agilidade da-  
quelle.

Mas o touro levantou-se mais furioso, do  
que nunca, e sacudindo as pontas de modo a  
inutilisar os esforços de Pamphilio para domi-  
na-las, deu neste uma marrada que o atirou  
de costas e sem sentidos, ferindo-o no peito  
muito gravemente.

Acudiram emfim os escravos chamados, a  
grande custo espantaram e distanciaram o touro,  
e conduziram para o interior da casa Pamphi-  
lio que estava inanimado.



## XIII

### O DOENTE

Pamphilio sem alentos, e como se estivesse morto foi conduzido para o quarto de Octavio, que isso exigiu, e deposto no leito, onde este começou por examina-lo minuciosamente.

— Está vivo, disse o doutor, o coração lhe palpita, é uma commoção fortissima, e alem disso aqui temos uma ferida feita por uma das pontas do touro. Convem sonda-la.

E indo buscar o seu estojo, Octavio muniu-se dos ferros proprios e procedeu á sondagem da ferida.

— E' profunda, mas felizmente não feriu orgão algum importante. E' preciso antes de tudo chama-lo aos sentidos.

E com diversas applicações conseguiu tornar Pamphilio a si.

Phamphilio voltando aos sentidos fez um esforço para levantar-se, mas cahiu de novo na cama quasi inanimado.

Depois vendo os cuidados e o trabalho que Octavio gastava com elle, disse-lhe:

— Para que isso doutor? . pensa que eu não tinha recursos para livrar-me do touro que me feriu?...

— Como quer que fosse, está ferido e é necessario tratar-se.

— Isto não vale nada; com uma cataplasma ficaria perfeitamente bom.

— Mas se tinha recursos para livrar-se do touro, porque não os empregou, perguntou Henriqueta enxugando os olhos, que tinha humidos de lagrimas.

— Porque.. não quiz, não valia a pena esforçar-me por salvar uma vida, que não presta para nada.

— Mas para nós presta muito, titio.

— E porque estás chorando?...

— Por ve-lo assim ferido e doente.

— Obrigado, menina, respondeu-lhe o tio, de cujos olhos correram duas grossas lagrimas.

— Está soffrendo, titio?..

— Quasi nada, daqui a pouco heide levantar-me.

— Menos essa, sr. Pamphilio! disse-lhe Octavio, está pensada a ferida que recebeu, mas alem della, que pôde ter consequencia de alguma gravidade, o senhor soffre uma fortissima commoção, que exige cuidados. Fique pois guardando o leito até que eu lhe permitta deixa-lo.

— Pois o sr. dr. Octavio é que me trata?..

— Na falta de outro medico, sou eu.

— Faça por tanto de mim, o que lhe parecer, mas não se incommode muito, pensando na minha vida.

E fechou os olhos.

— O que tem elle que acaba de fechar os olhos?... perguntou Clotilde.

— O effeito da commoção sobre o cerebro, segundo creio. Eu vou receitar.

E o dr. Octavio sahio e pedindo papel e tinta receitou um calmante poderoso.

Nesse momento ouviram-se dois tiros, um depois do outro. Pamphilio abriu os olhos e disse, fitando-os em Marianno:

— Querem ver que mandaste matar o touro que me feriu?!!

— Mandei-o matar, sim, e agora estamos livres delle.

— Um touro tão bonito! não devias faze-lo, tornou dizendo Pamphilio, que de novo cerrou os olhos, e adormeceu profundamente.

O dr. Octavio fvoltou, tendo preparado a medicação que receitára com as substancias que Marianno tinha em caza, vendo porém o somno profundo, em que Pamphilio tinha cahido, declarou que esse symptoma era explicavel, que elle esperava vence-lo facilmente, mas que para socego do seu animo, exigia uma conferencia, e que no entanto iria fazendo applicações que lhe pareciam necessarias.

Marianno despediu immediatamente portadores, mandando chamar medicos, em quanto o dr. Octavio diligente e solícito adiantava applicações, que o caso urgente pedia, mas ape-

---

zar dellas continuou o somno letargico de Pamphilio.

Algumas horas depois, e o somno continuava, chegavam trez medicos que sondaram a ferida de Pamphilio, que apenas por breves momentos abriu os olhos á dôr da sondagem, examinaram minuciosamente o doente, acabando por approvar tudo quanto tinha feito e pretendia fazer o dr. Octavio e retirando-se emfim abonando a confiança que lhe merecia o joven collega.

O dr. Octavio exigiu a assistencia de um delles no tratamento de Pamphilio, e o escolhido para sêcunda-lo ficou de voltar nos seguintes dias, assegurando porém que o doente estava em boas mãos.

Todo o dia se passou em estremecidos cuidados, e toda a noite em receios e temores de ver morrer Pamphilio sempre mergulhado em profundo somno.

Na manhã seguinte Pamphilio despertou emfim, e o dr. Octavio dava-se parabens pelas melhoras do doente, quando symptomas inequivocos lhe vieram perturbar o animo com

---

a expectativa dolorosa e apprehensiva de um caso de atêrrador tetano que ameaçava o pobre Pamphilio, que foi o único, que não se amedrontou, reconhecendo-se affectado da fatal molestia.

Mas o dr. Octavio não desanimou. Dedicando-se inteiramente a Pamphilio não o deixou nem de dia nem de noite, velando sempre a seu lado, e ministrando-lhe tratamento adequado, de modo que no fim de dez dias declarou salvo o seu doente, que não sahira mais da casa de Marianno.

No correr da sua molestia Pamphilio tinha visto e apreciado a dedicação inexcedivel do dr. Octavio no seu tratamento, e teve a certeza de que lhe devera a vida.

Admirou-o como medico habil, e estimou-o muito como amigo dedicado, de modo que no fim de sua molestia sentiu-se mais do que reconhecido, escravo pela gratidão a elle.

E não menos grato a Henriqueta, que de dia passava horas inteiras sentada á sua cabeceira e longas horas durante a noite, cuidando d'elle, como se cuidasse de um pae.

---

Nos dias em que correu maior perigo muitas vezes Pamphilio punha as mãos e parecia rogar ao ceo e depois com o movimento de sua mão indicava abençoar Octavio e Henriqueta.

E' inutil dizer que o compromisso tomado por Octavio de pedir Henriqueta em casamento ficou indefinidamente espaçado pela molestia de Pamphilio e que a volta dos hospedes de Marianno e de Clotilde foi adiada pela mesma razão.

Jesuina apparecia ás vezes no quarto, onde se achava Pamphilio para visita-lo, e ou por cerimonia ou por outra qualquer razão nelle não se demorava.





## XIV

### O JANTAR

Havia grande reunião na casa de Marianno.

Os hospedes da côrte achavam-se todos presentes e todos os vizinhos e amigos da familia tinham acudido aos convites solemnes de Marianno e Clotilde.

O jantar para o qual se achavam todos emprazados era dado em regosijo pelo restabelecimento de Pamphilio que estava perfeitamente curado da sua ferida, e livre do tetano terrivel que o tinha accomettido.

Pamphilio contente apresentava a todos o dr. Octavio como seu salvador, e Henriqueta, como a irmã da caridade, aos quaes devia seu restabelecimento e saude.

A's tres horas da tarde foram para a meza, e no fim da primeira coberta Pamphilio encheu o copo e pondo-se de pé, disse:

— Este jantar foi dado em honra minha; mas eu quero torna-lo mais festivo e alegre, dando-lhe um outro pensamento e sentido muito mais felicitador. Peço pois a todos os senhores e senhoras que enchem os seus copos e me acompanhem em um brinde do coração.

Todos encheram suas taças e esperaram pela saude que Pamphilio hia fazer, o qual exigindo a attenção geral exclamou:

— Bebamos á saude dos noivos! . . .

— Os noivos?.. e quem são elles?.. perguntou Marianno curioso, e sem poder atinar com o pensamento de Pamphilio que continuou logo dizendo:

— Os noivos são o sr. dr. Octavia e minha sobrinha Henriqueta!

Um viva geral respondeu ao brinde levantado por Pamphilio, que voltando-se para Marianno e Clotilde, accrescentou:

— Poupei-os a um pedido de casamento, e aos vexames de Henriqueta; os dois se amam,

---

e este é o dia mais apropriado para determinar-se a sua felicidade.

Marianno e Clotilde abraçaram Henriqueta e o dr. Octavio, abençoando-os.

O jantar duplicou de alegria, e no fim delle Pamphilio dirigindo-se a Henriqueta disse-lhe:

— No fim de nove mezes depois do teu casamento, quero receber em meus braços uma menina bonita, como és, mas juro que daqui a desesseis annos não me apaixonarei por ella porque estou curado de paixões.

Levantado o jantar Jesuina aproximou-se de Pamphilio e disse-lhe:

— Gostei muito de ouvi-lo proclamar o casamento de Octavio e Henriqueta, mas agora que esperanças devo nutrir? . .

— A esperança de fazer um casamento, como ella. Quanto a mim, minha senhora, eu acabei de dizer a Henriqueta, que estava curado de paixões, e não posso desmentir o meu dito.

Jesuina voltou-lhe as costas e foi pensar em outra conquista.



## OBRAS Á VENDA

Na livraria de Jacintho Ribeiro dos Santos

74 — Rua de S. José — 76

RIO DE JANEIRO

---

ROMANCES A 1,300 RÉIS O VOLUME

- Alexis Bouvier** — Anjos e Monstros.  
**Alexis Bouvier** — A mulher do assassino.  
**Alfred Sirven** — O romance d'uma cantora.  
**A. Daudet** — Fromont Junior e Risler Senior.  
**Arsenio Houssaye** — Luccia.  
**A. Musset** — Romance de um Moço Pobre.  
**Capendu** — Kcorickocko.  
**Carlos Mérouvel** — Um drama d'Amor.  
**Condessa Dash** — Fogo e Gelo, 2 vol.  
**Daniel Lesueur** — Odio de Amor.  
**F. Champsaur** — Uma excentrica.

**Gabriel d'Annunzio** — Triumpho da Morte.

**Henry Murger** — Scenas da Vida de Bohemia,  
2 vol.

**Heitor Malot** — Lua de Mel.

**Ismael Hucher** — Madame Pajol.

**Ives Guyot** — O Doido.

**Jayme M. Lima** — Transviado.

**Jean Rameau** — A Rosa de Granada.

**José d'Alencar** — Diva.

**José d'Alencar** — Pata da Gazela.

**José d'Alencar** — Senhora.

**José d'Alencar** — Iracema.

**José d'Alencar** — Guarany, 2 vol.

**Léon Tolstoï** — Sonata de Kreutzer, 2.<sup>a</sup> edição  
(no prelo).

**Mauricio Talmeyer** — Um drama nas minas.

**Mie d'Aghonne** — As Aventureiras.

**Mie d'Aghonne** — A Repreza de Cadaveres.

**Paulo Saunière** — O Azougue.

**Paulo Saunière** — Rei Miséria.

**Pierre Delcourt** — O segredo do Juiz de Instrução.

**Pierre Zaccone** — As Mansardas de Pariz, 2 vol.

**Sterne** — Viagem Sentimental.

**Theodore Gahu** — Lucta de Paixões.

**Theophile Gautier** — Amores d'um toureiro.

Vast-Ricouard — O Chefe de Gare.  
Vast-Ricouard — A Senhora Lavernon.  
Victor Perceval — Uma mulher perigosa.  
X. Montepin — Margarida.

ROMANCES A 2\$000 RÉIS O VOLUME

Abbade Prévost — Manon Lescaut.  
A. Garrett — Camões.  
Brito Mendes — Chico Rumba.  
Ennes Sabino — Luctas do Coração.  
Ferreira da Rosa — Honra de um Caixeiro.  
Figueiredo Pimentel — Terror dos Maridos.  
Gomes Sousa — Filha sem Mãe.  
Guerra Junqueiro — Morte de Dom João.  
Sousa — Fatalidade de Dois Jovens.

---

A. Dumas — Conde de Monte Christo, 8 vol.  
6\$000 réis.







## Romances a 1\$000 réis o volume

Com 240 a 320 paginas

- Arsenio Houssaye — *Luccia*.  
Códessa Dash — *Fogo e Gelo* (2 vol.).  
Daniel Lesueur — *Odio de Amor*.  
Gabriel d'Annunzio — *Triumpho da Morte* (2 vol.).  
Henry Murger — *Scenas da Vida de Bohemia* (2 vol.).  
Ismael Hugher — *Madame Pajol*.  
Jean Rameau — *A Rosa de Granada*.  
J. de Alencar — *Tracema*.  
— *Guarani* (2 vol.).  
— *Pata da Gazeta*.  
— *Diva*.  
Mia d'Aghonne — *As Aventureiras*.  
— *A Repreza de Cadaveres*.  
Paulo Sauniere — *O Azougue*.  
— *O Rei Miséria* (2 vol.).  
Pierre Delcourt — *O Segredo do Juiz de Instrucção*.  
Pierre Zaccone — *As Mansardas de Paris* (2 vol.).  
Rodrighès — *Rosa do Aard*.  
Sterne — *Viagem Sentimental*.  
Theodore Cain — *Lucta de Paixões*.  
Theophile Gautier — *Amores d'un Toureiro*.  
Vast-Ricouard — *A Senhora Lavernon*.  
— *O Chefe de Gare*.  
Yves Guyot — *O Doido*.

---

## Romances a 2\$000 réis o volume

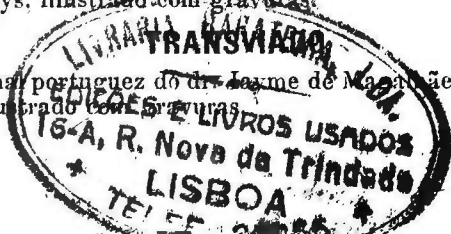
### CAMÕES

Por Almeida Garret.

### FROMONT JUNIOR E RISLER SENIOR

Original de Affonso Daudet, traducção de Pedro dos Reys, illustrado com gravuras.

Original portuguez do dr. Joaze de Menezes Lima, illustrado com gravuras.

















## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).